

REVISTA DIGITAL

PASSARINHANDO



dicas • natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
entrevistas • natureza • aves • fotografia • destinos
técnicas • aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
• aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
• natureza • aves • fotografia • destinos

A revista brasileira sobre observação de aves e fotografia da natureza

ESPECIAL

tem que acordar cedo para observar aves?

Boa Nova/BA

um paraíso para a observação de aves

MATÉRIA DO MÊS

morte de aves por colisão com vidros

COMPORTAMENTO

a migração de Belle

ESPÉCIES DO MÊS:

marrecas - gênero *Dendrocygna*

FOTOS DOS LEITORES

FOTOGRAFIA

capturando movimentos sutis

MEU QUINTAL

veja o quintal da leitora Regina e Paulo Lepage, de São Sebastião/SP

Edição 6 - Fev/2016



EDITORIAL

Tristezas e Alegrias na Observação de Aves



Editor

Jefferson Silva

Conselho Editorial

Claudia Komesu

Jefferson Otaviano

Jefferson Silva

Norton Santos

Tietta Pivatto

Conselho Fotográfico

Jefferson Silva

Luiz Carlos Ribenboim

Norton Santos

Jornalista responsável

Petterson Rodrigues

Contato

contato@revistapassarinhando.com.br

Galeria do Leitor

fotodomes@revistapassarinhando.com.br



**Siga a revista no
Facebook**

facebook.com/RevistaPassarinhando



Olá Leitor!

Um feliz 2016 para todos nós, com muita paz, saúde e passarinhos!

É muito gratificante para nós, da Revista Passarinhando, começar um ano já trabalhando na próxima edição da revista, a edição 6.

Até agora temos apresentado matérias sempre positivas, destinos legais, dicas de fotografia, fotos, relatos...

Mas essa edição traz uma matéria um pouco triste, sobre a morte de aves devido a colisão com casas e edifícios, mundo afora. A matéria fala do assunto, entrevista uma pesquisadora americana, e é triste entender a dimensão desses acontecimentos.

No Brasil temos um pesquisador, Sandro Von Matter estudando o assunto, em um projeto de cunho colaborativo. Veja na matéria um pouco mais de informação a respeito. Se você tiver informação sobre alguma ocorrência, pode ajudar no projeto fornecendo os dados.

Mas deixando a parte triste para trás, vamos falar de outras matérias.

Você leitor, tem algum problema para madrugar? Afinal, Observação de Aves nos faz sempre madrugar, certo? É ruim, ou não indicado, observar aves em horários como próximo do almoço? Veja a resposta para essas perguntas na matéria de Tietta Pivatto, sobre observação de aves e o horário para a prática da atividade.

Entrando na fotografia, você imprime suas fotos, ou as mantém somente no computador, e publica na internet? Já pensou em imprimir? Veja dicas muito legais da Silvia Linhares sobre os fotolivros. Eu confesso que não tenho um ainda, embora já tenha pensado em fazer. Mas após ler a matéria e as dicas da Silvia, vou começar a fazer os meus.

Um fotolivro legal seria o resultado de uma viagem, por exemplo, para Boa Nova, cidadezinha na Bahia. Já pensou? É essa cidade o local escolhido por Geiser Trivelato para escrever a seção **Destino**. Pela descrição do texto, pelas fotos, mais uma vontade que me gerou, conhecer esse lugar. Agora é programar para tal.

Na seção **Perfil**, veja a entrevista que Tietta Pivatto fez com Claudia Brasileiro, uma das nossas mulheres fotógrafas. A entrevista está muito bacana, e as fotos, sensacionais.

E tem mais, é só conferir!

Grande abraço, leitor. Boa leitura!

Jefferson Silva

jefferson@revistapassarinhando.com.br



Nesta edição

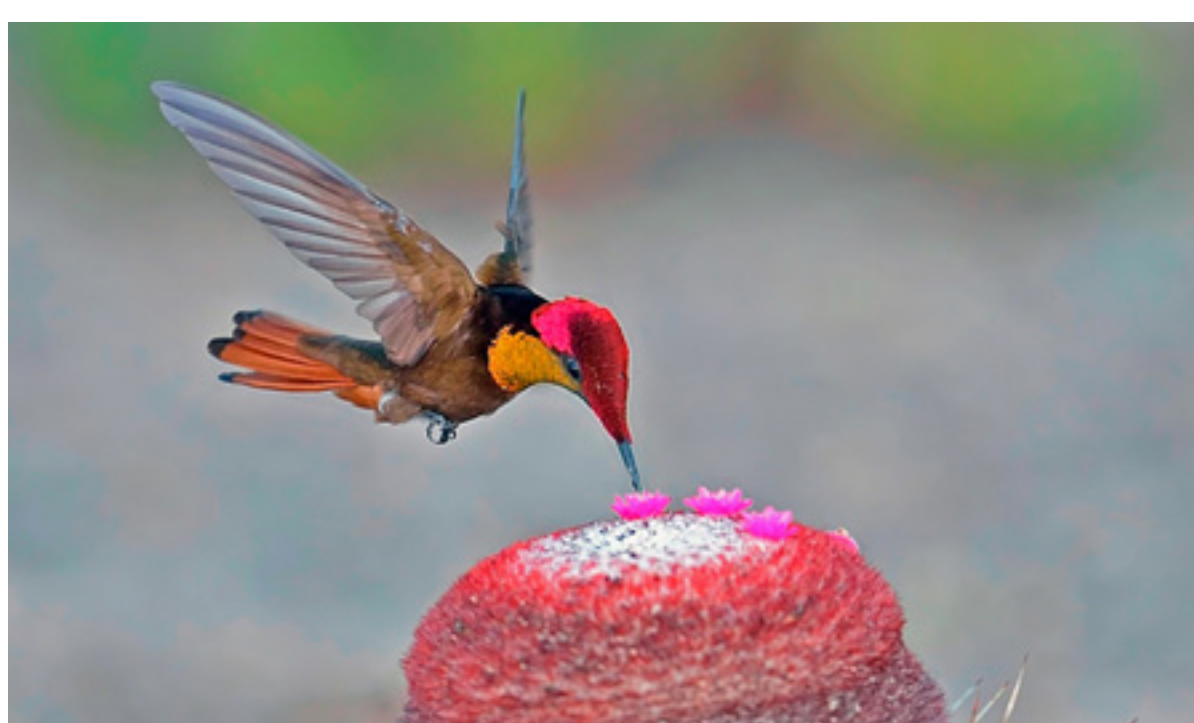
ESPECIAL

Tem que acordar cedo para observar aves



ESPÉCIES DO MÊS

marrecas - gênero *Dendrocygna*



DESTINO

Boa Nova/BA



BIBLIOTECA

Lançamentos



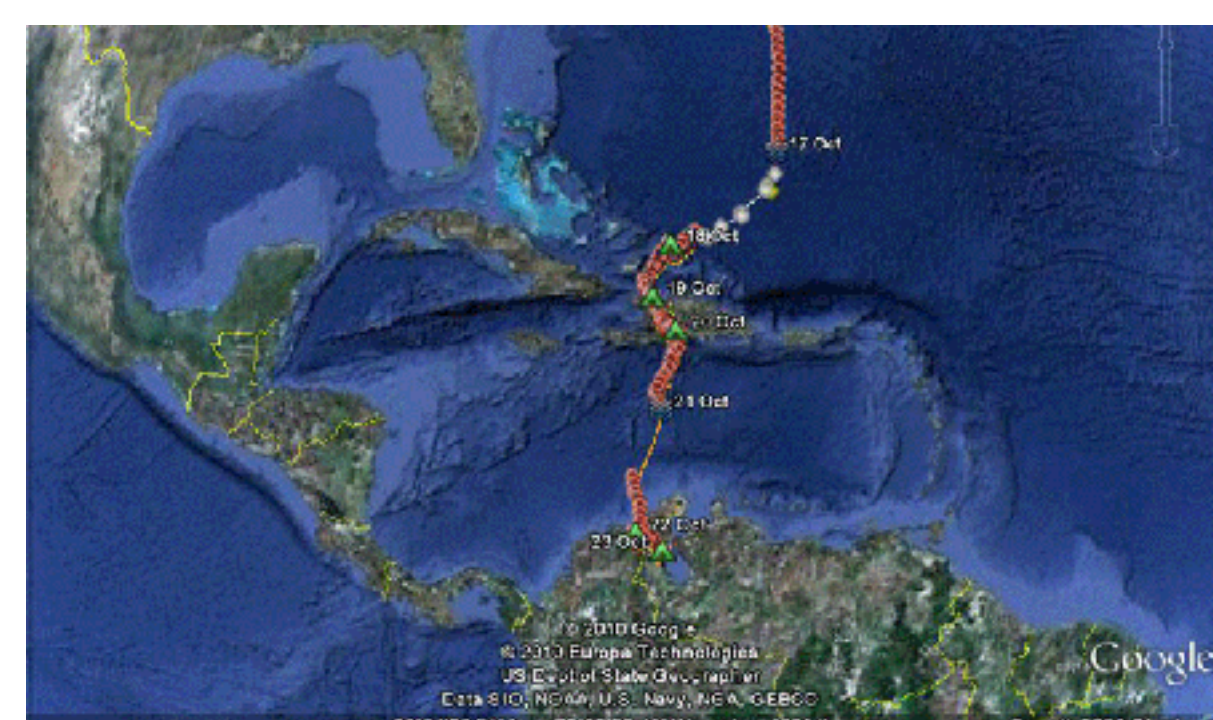
GALERIA DO LEITOR

Fotos dos nossos leitores



FOTOGRAFIA

A magia das imagens impressas



CONSERVAÇÃO

Monitorando uma águia-pescadora





cuitelão / *Jacamaralcyon tridactyla*

Foto de Celi Aurora Onofre de Medeiros, Guarapari/ES

Foto feita em Carangola/MG

Nikon D90, Nikkor 300mm 70-300mm | f/6.3, 1/1250, ISO 500, @300mm, 0EV

"Um linda espécie vulnerável à extinção lutando para sobreviver num ambiente totalmente detonado."

GALERIA DO LEITOR



chupa-dente / *Conopophaga lineata*

Foto de Paulo Guerra | Jaú/SP

Nikon D600, Nikkor 300mm + TC 1.4x | f/5.6, 1/160, ISO 400, @420mm, 0EV

"Foi a primeira trilha na primeira vez nas Trilhas dos Tucanos"



GALERIA DO LEITOR



saíra-sete-cores / *Tangara seledon*

Foto de Edilene Guerra | Jaú/SP

Nikon D7100, Nikon Nikkor 70-300mm | f/5.6, 1/320, ISO 1250, @240mm, -+0.3EV

"As maravilhas aladas da Trilhas dos Tucanos"



GALERIA DO LEITOR



pariri / *Geotrigon montana*

Foto de Vilde Eriberto Florêncio | Joinville/SC

Foto feita em Joinville/SC

Nikon D610, Nikon Nikkor 300mm f/4 | f/4, 1/650, ISO 3200, @300mm, 0EV

"Lindo colorido, no escuro da floresta"



“Tem que acordar cedo para observar aves?”

Texto: Tietta Pivatto

Essa é uma situação clássica: sempre que falo das delícias da observação de aves para não praticantes, a maioria fica curiosa e com vontade de participar. Passarinhando em parques e praças, é comum que pessoas se aproximem e perguntem o que estamos fazendo. Não resistem a uma olhadinha através do binóculo e logo se encantam com as cores e formas de aves comuns como bentevis, sanhaços, sabiás, e mais ainda quando descobrem um saí-azul ou pitiguari.

Mas basta comentar que estamos lá desde as cinco, seis horas da manhã que a animação se vai. Ganhamos um parabéns e um bom dia, e a pessoa se afasta, agora com a certeza de que somos mesmo malucos.

Nosso relógio biológico está em funcionamento há milhares de anos, definindo para cada pessoa qual é a melhor hora para acordar e adormecer, comandado por hormônios e influenciado pelo aumento ou diminuição da luminosidade e hábitos diários. Até mesmo a mudança do horário de verão causa transtorno para alguns de nós, então imaginar que alguém possa ficar feliz por acordar tão cedo para ir pro mato é algo assustador!

A rotina da vida urbana tem alterado muito o equilíbrio

entre necessidade de dormir e tempo disponível para isso. Algumas pessoas simplesmente abdicam das importantes horas de sono por trabalho ou redes sociais. Tem gente que consegue ficar bem com apenas seis horas, outras precisam de dez. Uns só conseguem dormir depois das duas, três da manhã e outros, bem poucos, já estão sonhando antes das dez da noite. Uma parcela considerável dos habitantes da cidade sofre com insônia, portanto, para a maioria de todos nós, acordar cedo sempre é difícil.

Então como explicar que tantas pessoas acordem “com os passarinhos” sem problemas quando o objetivo é observar aves?

Para os praticantes, a resposta é óbvia: quanto mais cedo, maior o número de espécies que podemos encontrar. Isso porque o relógio biológico das aves está “programado” para despertar com as primeiras luzes da manhã. E é nesse pequeno intervalo que elas estão mais ativas, cantando para marcar território, procurando alimento, espantando invasores. Algumas simplesmente não se mostram fora desse horário. Com o passar das horas, as atividades vão diminuindo, junto com as oportunidades de avistamento.



Nem todos tem disposição para acordar antes da alvorada atrás das aves



O fim de tarde pode ser uma ótima opção para quem não gosta de acordar cedo



Um pica-pau-de-cabeça-amarela (*Celeus flavescens*) fotografado no Parque da Aclimação/SP em pleno meio-dia

Com isso, parece lógico que após as dez, onze horas da manhã, será impossível observar alguma ave, certo? Nem sempre. Claro que as maiores chances se concentram nas primeiras horas, porém sempre é possível observar algumas espécies ao longo de todo o dia, especialmente em Parques Urbanos e áreas onde as aves estão acostumadas com a proximidade humana.

Eu costumo estimular novos observadores com passarinhadas em horários intermediários, como sete, oito horas da manhã, quando ainda temos uma atividade razoável e não é tão sacrificante sair da cama. Com o tempo, conforme aumenta o interesse pela atividade, naturalmente os praticantes acabam antecipando seus horários, sem grandes sacrifícios. Mas jamais devemos começar torturando pessoas, obrigando-as a estar numa trilha escura cheia de sons estranhos às cinco da manhã! É preciso ressaltar que, para cada objetivo, existe uma necessidade específica de melhor horário. Por exemplo,



Observando aves no litoral da Bahia. Sol forte antes das seis da manhã

para quem pretende fazer boas gravações das vocalizações ou mesmo da paisagem sonora, o ideal é estar no local antes mesmo de amanhecer. Já para fotógrafos, não é muito produtivo estar na mata antes de ter uma boa luz para fotografar. Observadores tradicionais, que usam binóculos a maior parte do tempo, não tem problemas com as horas de pouca luz, pois não precisam (ou não querem) fotografar.

Porém, uma característica muito interessante de um país com dimensões continentais como o nosso, é que os horários ideais variam conforme nossa localização geográfica. Habituada com os horários de alvorada em torno das cinco horas da manhã no Centro-Oeste e Sudeste, para mim foi duro observar aves no litoral da Bahia, onde às quatro da manhã já havia luz no horizonte, mas foi prazeroso saber que em locais como na Lagoa do Peixe/RS, as aves estão expostas ao longo de todo o dia. E foi estranho estar em Portugal no final do outono e perceber que as aves só começavam a se mexer após as nove da manhã (assim como todo o povo da aldeia em que eu estava). O mesmo observei na Patagônia, em plena primavera, as saídas eram programadas para observações apenas após este horário.





Quatro e meia da tarde, no horário de verão baiano, já era noite

Em várias situações o cansaço ou a insônia me impediram de acordar cedo, mesmo em locais onde eu deveria ter feito isso para não perder as melhores espécies. Porém, antes de tudo, a observação de aves deve ser uma atividade prazerosa, excitante e ao mesmo tempo relaxante. Se ela se tornar um sacrifício, ou se estiver sempre associada a mau-humor e vontade de estar na cama, tem algo errado. Melhor dormir mais um pouco para poder apreciar o que as aves têm de melhor para nós. Diversas vezes cheguei às nove, dez da manhã nos parques de São Paulo e ainda assim vi muitas espécies que deixaram meu dia mais agradável. Passarinhoterapia. E mesmo no período da tarde é possível fazer ótimas observações, uma vez que ao final do dia temos um segundo pico de atividade das aves. A única restrição fica para os dias de muito calor, pois além de ser pouco agradável caminhar embaixo do sol quente, as aves também ficam mais quietas. Por outro lado, existem pessoas que não podem sequer

imaginar trocar uma passarinhada por algumas horas a mais de sono. Um exemplo é o observador de aves inglês Charles Moore, piloto da British Airways que, em vista ao Brasil e mesmo após longas horas de voo, saiu do aeroporto direto para o Parque do Zizo em Tapiraí/SP e durante toda a viagem parava para observar aves. Mal dormiu durante a estada na pousada, repetindo a todo instante: “sleep can wait, I’m going for birding!” (dormir pode esperar, eu vou passarinhar!)

Ou seja, não há desculpa. Mesmo para os mais sonolentos é possível ter momentos agradáveis observando aves. Então aproveite seus momentos de folga e vamos passarinhar, pois como diz o Charles, podemos dormir depois (e sonhar com os passarinhos).

Seguem três links interessantes sobre esse assunto:

Lazy birders, or, can you sleep in and be a birder?

Can't Sleep? Go Look For Owls

Sleep can wait: I am going for birding ■

Observação de aves na Pousada Salve Floresta

Tapiraí, São Paulo. Distante somente 150km do centro de S.Paulo
Mais de 100 espécies de aves catalogadas no Wikiaves
Venha passarinhar com conforto, segurança, tranquilidade



Foto: Rogério Machado

Entre em contato com a Pousada:
email: carlossoares@online.de
site: www.salvefloresta.com

É muito provável que você já tenha vivenciado algumas vezes a colisão de uma ave em uma vidraça, com sua morte subsequente. Mesmo sendo uma situação bastante comum, seu impacto na mortalidade das aves no Brasil tem passado por fora do radar tanto da população em geral quanto de cientistas, ambientalistas, arquitetos e urbanistas.

Das mortes de aves ocasionadas pelo homem, a colisão com vidros é a segunda causa com maior impacto no mundo - só perde para a progressiva destruição dos seus habitats – e está fortemente correlacionada com o declínio da população mundial de aves. Nos EUA, estimativas da American Bird Conservancy apontam para um número entre 300 milhões e 1 bilhão de aves mortas todos os anos. Não há erro de revisão aqui, é bilhão mesmo. Mesmo assim, não se fala do assunto no Brasil e até hoje não temos nenhum estudo que dimensione o impacto dos vidros na população de aves do país.

As lacunas relativas ao conhecimento sobre nossas aves se estendem a outras esferas. Por exemplo, ninguém sabe dizer sequer um número aproximado de quantas aves existem no Brasil. Não estamos falando em número de espécies diferentes, na nossa eterna disputa pelo segundo lugar com a Colômbia no ranking dos países com maior número de espécies de aves, mas sim do total de aves encontrados no país durante um determinado período. Só recentemente começaram a ser feitas contagens, comuns no hemisfério norte, que ajudam a dimensionar o número de aves de um país ou região. As poucas informações existentes, nem sempre acessíveis, são as obtidas nos estudos de impacto ambiental de novos empreendimentos.

Por causa de características de sua visão, as aves não conseguem perceber a presença de vidro transparente.

Se para nós isso já é difícil (quem nunca bateu de frente em uma porta de vidro levantando a mão), imaginem para esses animais, que possuem um quarto cone (humanos têm três) que os torna sensíveis à radiação ultravioleta e propensos a confundir os reflexos de árvores, água e alimentos nos vidros. Além disso, a velocidade de voo com que se chocam torna o impacto muito mais letal do que para nós, que normalmente nos chocamos quando caminhamos distraídos, digitando no celular.

O impacto da colisão ocasiona inchaço, aumento da pressão intracranial e hemorragia cerebral. Mesmo quando não morrem imediatamente após o choque, as aves ficam atordoadas, o que as tornam mais vulneráveis aos seus predadores.

E não é apenas pelo reflexo, que as confunde, mas também porque vêm um espaço livre através do vidro por onde atravessar, atraídas por algum alimento ou fonte de luz. O já comum decalque de falcão, que algumas pessoas preocupadas com o assunto colam em suas vidraças, funciona só parcialmente, mas não porque as aves considerem que ali há um predador, mas somente porque aquele ponto está bloqueado para sua passagem. Colar um

decalque numa ponta da vidraça não vai impedir que elas tentem passar por outro ponto do vidro.

Se colar adesivos de falcão não funciona, quais as alternativas para enfrentar esse problema?

Já existem várias soluções disponíveis para evitar colisões, mas nenhuma pode ser considerada de uso universal com custo acessível a todos, especialmente para residências e edifícios existentes. Mas se esse tema for incorporado no desenvolvimento de uma nova construção, o leque de opções é grande e associado a padrões de sustentabilidade.

Se colar adesivos de falcão não funciona, quais as alternativas para enfrentar esse problema?



A American Bird Conservancy desenvolveu um material de referência com diversas opções [1], assim como a Swiss Ornithological Institute Sempach [2]. E, como o interesse pelo tema tem aumentado muito nos países mais desenvolvidos, opções novas têm aparecido no mercado, com alguns tipos de vidro especiais, como o citado por Christine Sheppard em sua entrevista reproduzida abaixo.

A ornitóloga Christine Sheppard é uma das mais reconhecidas e atuantes autoridades mundiais nesse tema e é a gerente do programa de colisões de aves da American Bird Conservancy, tendo liderado campanhas e estudos para minimizar esse problema em toda a América do Norte.

Quando que a colisão de aves passou a ser reconhecida como um problema e toda a sua dimensão percebida? O que você pode nos contar do seu primeiro contato com o tema?

As primeiras colisões de aves foram percebidas no final do século 19, em faróis, e depois, quando estruturas mais iluminadas começaram a fazer parte da paisagem, em obras como o Monumento Washington e a Estátua da Liberdade. Isso levou as pessoas a associarem colisões em massa com estruturas altas e iluminadas, o que não é correto.

Existem evidências consistentes de que estruturas baixas e iluminadas podem atrair as aves – a circulação de aves

nas plataformas de extração de petróleo e gás no mar é um bom exemplo, e a quantidade de luz tem uma correlação maior com o número de colisões do que a altura da estrutura.

Na primeira metade do século 20, os eventos de colisão chegaram a ser vistos como uma oportunidade para a coleta de espécimes para museus. Atualmente, as estruturas altas das cidades estão integradas a um mar de poluição luminosa, e não sabemos exatamente como as aves se comportam nesse contexto, apesar de que elas provavelmente tenham seus estágios migratórios influenciados pela distribuição de luz.

A partir da metade do século 20, quando se tornou viável usar vidros cada vez maiores na construção, foi que se começou a perceber a colisão em vidraças. Por volta do início da década de 1970, estudos sobre mortalidade pelas colisões com vidros começaram a ser publicadas e começou a preocupação com a magnitude desse tipo de acidente – difícil de mensurar devido a sua ampla distribuição.

Como foi estimado o número de mortes de aves por colisões em vidros nos Estados Unidos, de 300 milhões a 1 bilhão, em 2014? Existe alguma maneira de fazer alguma correlação para estimar o número no Brasil, considerando que não temos o mesmo padrão migratório dos Estados Unidos?

Nos Estados Unidos e Canadá, existem inúmeros



programas e diferentes cidades onde voluntários costumam caminhar por rotas específicas documentando a mortalidade. Algumas informações vieram de museus.

A American Bird Conservancy vem liderando os esforços para proteger as aves de colisões já há algum tempo, quais foram os resultados obtidos até o momento? Comparando as diferentes alternativas no caminho de chegar a uma solução para o problema – legislação municipal, arquitetura adequada, conscientização dos proprietários de imóveis, qual você considera o mais efetivo? Quais as lições que podem ser transferidas para o Brasil?

Eu, honestamente, penso que a tática mais bem sucedida para aumentar a conscientização do problema tem sido a de obter a maior divulgação possível de cada aspecto do que estamos fazendo. Arquitetos e produtores de vidro começaram a prestar atenção mais seriamente ao assunto no final de 2010, quando o projeto piloto de créditos do LEED [3] para reduzir colisão de aves foi anunciado, praticamente no mesmo período San Francisco passou suas normativas para projetos “amigos das aves”.

Estamos começando a ver um aumento real em opções de materiais, na medida que se torna evidente para o mercado que isso está crescendo. Por causa de decisões legais no Canadá, estamos vendo mais materiais para reformar prédios de vidros já existentes. Cada vez que surge uma nova norma, ou divulgamos um edifício pelo seu bom design, ou postamos um artigo sobre colisões na nossa página do Facebook, alcançamos mais pessoas. O programa de teste de túnel [4] tem atraído muita atenção da imprensa porque é inusitado. Tenho um programa de educação continuada para arquitetos, já que todos precisam de créditos, e tento obter espaço no maior número de conferências sobre arquitetura e design

sustentável possível.

Alcançamos muita gente com nossa presença no encontro do International Code Council (<http://www.iccsafe.org/>) um ano atrás, quando mostramos nosso caso para incluir normas sobre as aves. Nós não tivemos sucesso, mas fizemos muitas pessoas pensarem

a respeito, e eu acredito que vamos acabar tendo sucesso – o processo é muito lento. Estamos tentando atingir os proprietários de imóveis através de zoológicos, centros voltados para a natureza, revistas e blogs.

Em termos de legislação o que você poderia indicar como modelos a serem adotados no Brasil?

Eu penso que o modelo que adotamos recentemente, baseado nos créditos do LEED [3], é o de maior sucesso. Um ponto de partida aplicável é o fato da ASHRAE (www.ashrae.org) e do ICC (<http://www.iccsafe.org/>) afirmarem que quando o percentual de vidro em uma fachada aumenta acima de 30-40% os custos de HVAC (sistemas de climatização) aumentam, dependendo do clima. Então a utilização de

As primeiras colisões de aves foram percebidas no final do século 19, em faróis, e depois, quando estruturas mais iluminadas começaram a fazer parte da paisagem



um argumentação relacionada à sustentabilidade e a adoção de padrões dessa ordem podem significar um bom começo.

A maior parte das soluções arquitetônicas oferecidas para evitar colisões tem sido utilizadas em prédios públicos ou corporativos, algumas bastante atraentes, mas talvez dispendiosas. Existem soluções mais viáveis economicamente e ao mesmo tempo atraentes para aplicação em residências?

Existe um novo método de criar padrões no vidro através da impressão de tinta cerâmica, com a reprodução de pequenas quantidades de um padrão definido, que é muito promissor e já tem várias empresas utilizando. [5]

E a primeira alternativa para donos de casas é colocar telas por fora das janelas. Podem ser telas de insetos ou outro tipo, são simples e acessíveis em termos de preço.

Nós sabemos como reduzir drasticamente as colisões, especialmente para novos projetos, uma vez que tendo as aves em mente desde o início é possível produzir um prédio seguro para as aves, atraente e funcional, dentro do orçamento. Se você constrói um prédio e depois quer trocar por um vidro que seja amigável para os pássaros, o que é essencialmente um retrofit (processo de

modernização, revitalização de um edifício antigo), isso sempre vai custar mais. Particularmente para instituições ou indivíduos comprometidos com a sustentabilidade, deveria ser óbvio que prédios “verdes” não deveriam matar aves.

Qual o papel dos observadores nesse processo?

A maioria dos programas de monitoramento de colisões nos Estados Unidos depende que observadores e amantes de aves se engajem em rotas de caminhada ao redor de prédios procurando por aves mortas ou feridas. Eles também ajudam ao encorajar as cidades ou estados a adotarem legislação que proteja as aves.

A atividade econômica relacionada à observação de aves gera 32 bilhões de dólares nos Estados Unidos e pode ter bastante influência.

Mas apenas gostar das aves não é suficiente. ■

Referências

- [1] Bird-friendly_Building_Guide_WEB.pdf
- [2] Bird-friendly Building engl.pdf
- [3] <http://www.leeduser.com/credit/pilot-credits/pc55>
- [4] <http://abcbirds.org>
- [5] bro_birdprotect_en.pdf

Após o término deste artigo, tomamos conhecimento do Programa Nacional de Monitoramento de Colisões de Aves em Janelas (PNMCAJ), coordenado pelo pesquisador Sandro Von Matter. O programa é um projeto colaborativo, que visa levantar informações sobre mortes de aves por colisão em nosso país.

Através do site colisãoaquinão (<http://www.colisaoaquinao.com/>), cada cidadão pode enviar informações sobre uma colisão de ave, especificando dados sobre data da ocorrência, o tipo da colisão, espécie acidentada, o tipo de residência/prédio, entre outras.

O projeto tem uma página no facebook, no endereço www.facebook.com/institutopassarinhar/, na qual as pessoas podem acompanhar o andamento do projeto.

De acordo com dados publicados na página do facebook, no dia 18 de janeiro, mais da metade das colisões, 53%, foi contra residências. Das colisões, quase três em cada quatro aves morreram na colisão.

Os resultados mostram que rolinhas, sabiás e beija-flores são as aves com maior incidência de colisões.

Se você teve conhecimento de alguma colisão, ajude o projeto e envie os dados observados.



Estamos na sexta edição da revista passarinhando, que bom! E mais uma vez tenho o prazer de trazer para vocês a história de um quintal espetacular. Tão espetacular, que os seus frequentadores, as aves, transformaram a vida de um simpático casal que morava na cidade de São Paulo. Isso mesmo, morava, pois hoje moram no litoral norte do estado de São Paulo, na cidade de São Sebastião, mais precisamente no Sertão da praia da Barra do Una.

Conversei com a passarinheira Regina Lepage, que me contou como conheceram Barra do Una e foram morar lá.

Em certa ocasião, Regina buscava com seu marido Paulo Lepage, um local tranquilo para passar as festas de final de ano e aproveitar para observar as aves, decidiram então por Barra do Una. Ao andar pelas trilhas observando as aves, encontraram uma enorme variedade de espécies naquele pedaço de mata, também pudera, nossos amigos passarinhos estavam debaixo dos braços dela, a Mata Atlântica da Serra do Mar. Barra do Una é uma praia do litoral norte de São Paulo, onde a paisagem natural é ainda bem preservada. Ao conhecer Barra do Una, Regina e Paulo se apaixonaram por tudo. Há quem diga que a praia é a mais bela do estado, sem dizer das belezas das montanhas verdes que cercam o

local, que também é banhado por rios de água doce que desembocam no mar. Ficou fácil né, praia, mata atlântica e principalmente muito passarinho. Que passarinho não quer morar num lugar desses? O que era só uma viagem de férias transformou-se em local de morada. O casal se mudou para lá no mesmo ano. Isso tudo aconteceu em 2007 e desde então Regina e Paulo só voltam para São Paulo quando tem algum compromisso.

Atualmente moram em um condomínio no chamado Sertão de Barra do Una. Essa área chamada de sertão fica entre a serra e o mar, e foi no século passado uma fazenda de produção de banana. Com o passar dos anos e a desativação dos campos de plantação, a natureza se refez por lá, transformando a extensa área do bananal novamente em mata. A casa de nossos amigos fica incrustada na mata, ou seja, o verde de seu quintal se confunde com o verde da mata. Quando conheceram a futura casa, ela ainda estava semipronta,



benedito-de-testa-amarela, *Melanerpes flavifrons*



gaviao-miudinho, *Accipiter superciliosus*

mas como Regina e Paulo são arquitetos, vislumbraram ali um pedacinho do paraíso. Ela me disse que um dos motivos que mais motivou o casal a escolher aquela casa foi um grande terraço que já estava construído. Hoje em dia é nesse terraço que eles passam grande parte do tempo observando não só as aves, mas também cobras, lagartos, gambás, cotias e todas as interações que acontecem por lá. Para atrair ainda mais as aves, o casal manteve a flora nativa que já existia no quintal, e foram acrescentando aos poucos algumas plantas. Como regra, cada morador deve preservar intactos 70% da área de seu terreno. Regina me contou que toda a ambientação da casa foi feita pensando nas aves. Para facilitar ainda mais a atração de algumas espécies, foram instalados comedouros em locais estratégicos. Regina por exemplo, adora plantar flores, e enquanto os beija-flores enchem o papo (são oito espécies que aparecem no quintal), ela fica no terraço da casa os observando com seu binóculo da marca Sweiss, relíquia que está nas mãos de sua família a mais de 80 anos.

Sem fazer esforço nenhum, eles já observaram muitas espécies em casa, entre elas algumas bem interessantes como o gavião-caracoleiro, a juruva-verde, o pavó, o gavião-miúdo, o capitão-de-saíra, o beija-flor-de-topetinho-verde, o pica-pau-bufador, etc. Esse ano, um urutau chocou e criou seu filhote em uma das muitas árvores do quintal e Regina acompanhou tudo bem de perto. Mas a grande vedete desse quintal lá de Barra do Una é o jaó-do-sul, que de tão seguro, desfila despreocupado próxima à casa de nossos amigos.

Regina gosta de fotografar as aves e Paulo de filmá-las, e depois que começaram a divulgar o local e as aves de lá nas redes sociais, os amigos vem de longe para passarinhoar com eles. Regina me chamou a atenção para o fato de ter feito vários novos amigos depois que começou a passarinhoar, e de tanta gente legal que conheceu através da paixão pelos passarinhos.

É assim mesmo, as aves tem o poder! O poder de voar, de cantar, de nos impressionar, de fazer com que



Observador fotografando o jaó-do-sul, *Crypturellus noctivagus*

conheçamos gente do bem como Regina e Paulo. No caso desses meus novos amigos, as aves tiveram o poder de fazer com que eles mudassem de vida.

Dou-me a liberdade de comparar Regina e Paulo Lepage e fazer uma analogia dessa história com a vida das aves, e posso dizer tranquilamente, que o casal de passarinhos lá da cidade grande migrou. Migrou para perto do mato, onde podem encontrar mais alimento, só que no caso desse casal de passarinhos de São Paulo, o alimento é para a alma! ■



jaó-do-sul, *Crypturellus noctivagus*

Lista de aves do quintal de Regina e Paulo Lepage

- | | | |
|---|--|--|
| 1. arapaçu-liso, <i>Dendrocincla turdina</i> | 19. ferro-velho, <i>Euphonia pectoralis</i> | 37. sabiá-uma, <i>Turdus flavipes</i> |
| 2. arapaçu-rajado, <i>Xiphorhynchus fuscus</i> | 20. gaturamo-verdadeiro, <i>Euphonia violacea</i> | 38. saí-andorinha, <i>Tersina viridis</i> |
| 3. beija-flor-cinza, <i>Aphantochroa cirrochloris</i> | 21. gavião-carijó, <i>Rupornis magnirostris</i> | 39. saí-azul, <i>Dacnis cayana</i> |
| 4. beija-flor-de-banda-branca, <i>Amazilia versicolor</i> | 22. gavião-caracoleiro, <i>Chondrohierax uncinatus</i> | 40. saí-verde, <i>Chlorophanes spiza</i> |
| 5. beija-flor-de-fronte-violeta, <i>Thalurania glaucopis</i> | 23. guaxe, <i>Cacicus haemorrhous</i> | 41. saíra-de-lenço, <i>Tangara cyanocephala</i> |
| 6. beija-flor-de-veste-preta, <i>Anthracothorax nigricollis</i> | 24. jacuaçu, <i>Penelope obscura</i> | 42. saíra-sete-cores, <i>Tangara seledon</i> |
| 7. beija-flor-preto, <i>Florisuga fusca</i> | 25. jaó-do-sul, <i>Crypturellus noctivagus</i> | 43. sanhaçu-cinzento, <i>Tangara sayaca</i> |
| 8. beija-flor-rajado, <i>Ramphodon naevius</i> | 26. juruva-verde, <i>Baryphthengus ruficapillus</i> | 44. sanhaçu-do-coqueiro, <i>Tangara palmarum</i> |
| 9. beija-flor-tesoura, <i>Eupetomena macroura</i> | 27. juruviara, <i>Vireo olivaceus</i> | 45. sanhaçu-de-encontro-amarelo, <i>Tangara ornata</i> |
| 10. topetinho-verde, <i>Lophornis chalybeus</i> | 28. limpa-folha-coroadado, <i>Philydor atricapillus</i> | 46. saracura-do-mato, <i>Aramides saracura</i> |
| 11. bem-te-vi, <i>Pitangus sulphuratus</i> | 29. pavó, <i>Pyroderus scutatus</i> | 47. surucuá-grande-de-barriga-amarela, <i>Trogon viridis</i> |
| 12. bem-te-vi-rajado, <i>Myiodynastes maculatus</i> | 30. pica-pau-bufador, <i>Piculus flavigula</i> | 48. tiê-galo, <i>Lanio cristatus</i> |
| 13. bem-te-vi-pequeno, <i>Conopias trivirgatus</i> | 31. pica-pau-de-cabeça-amarela, <i>Celeus flavescens</i> | 49. tiê-preto, <i>Tachyphonus coronatus</i> |
| 14. cambacica, <i>Coereba flaveola</i> | 32. pula-pula-ribeirinho, <i>Myiothlypis rivularis</i> | 50. tiê-sangue, <i>Ramphocelus bresilius</i> |
| 15. capitão-de-saíra, <i>Attila rufus</i> | 33. sabiá-coleira, <i>Turdus albicollis</i> | 51. tiriba-de-testa-vermelha, <i>Pyrrhura frontalis</i> |
| 16. caracará, <i>Caracara plancus</i> | 34. sabiá-do-campo, <i>Mimus saturninus</i> | 52. tucano-de-bico-preto, <i>Ramphastos vitellinus</i> |
| 17. catirumbava, <i>Orthogonys chloricterus</i> | 35. sabiá-laranjeira, <i>Turdus rufiventris</i> | 53. tucano-de-bico-verde, <i>Ramphastos dicolorus</i> |
| 18. corruíra, <i>Troglodytes musculus</i> | 36. sabiá-poca, <i>Turdus amaurochalinus</i> | |

A sexta edição da revista passarinhando traz como **Espécies do Mês** três aves pertencentes ao gênero *Dendrocygna*, são elas: *D. bicolor*, *D. autumnalis* e *D. viduata*.

Esse gênero pertence à família dos anatídeos, que compreende as marrecas, patos e cisnes.

Os anatídeos de uma maneira geral, apresentam adaptações morfológicas que possibilitam viverem em ambientes aquáticos, como por exemplo, pernas curtas com pés providos de membranas natatórias e bico equipado com lâminas transversais, que com a ajuda da língua, geralmente grossa e muito sensível, formam um excelente aparelho filtrador, capaz de retirar da água ou da lama seres minúsculos que fazem parte de sua dieta. A dieta da maioria dos anatídeos é formada por sementes, raízes de plantas aquáticas e pequenos invertebrados aquáticos, mas durante o período de reprodução, o consumo desses invertebrados aquáticos aumenta muito, o que possibilita uma melhor formação de seus ovos devido a maior ingestão de proteínas. Todas as marrecas brasileiras necessitam de águas rasas para se alimentarem bem, sem precisar que mergulhem, e geralmente o comprimento do pescoço corresponde à profundidade que são capazes de retirar o alimento.

Possuem asas muito fortes, capazes de alcançar altas velocidades durante o voo. É nessa hora, durante o voo, que algumas espécies de anatídeos deixam aparecer suas penas mais coloridas.

Quase todos os anatídeos brasileiros são migratórios, por diversos motivos, como busca de alimentos, locais de abrigo ou por alterações do nível da água nos locais que habitam.

Grandes concentrações de anatídeos migratórios podem ser observadas no estado do Rio Grande do Sul, no Pantanal Mato-Grossense e na Amazônia.

No estado do RS, um local excelente é a região da Lagoa dos Peixes, no sul do estado. Também há diversas lagoas próximo da costa.



marreca-caneleira *Dendrocygna bicolor*

Foto: Luiz Carlos Ribenboim

Dendrocygna bicolor

Começaremos então por *D. bicolor*, que é comumente chamada de marreca-caneleira. Possui 48 centímetros de comprimento, corpo considerado curto com pescoço longo. Seu bico é relativamente comprido em relação ao corpo e suas pernas são altas. Sua coloração é parda em tom de canela. A plumagem do lado do pescoço é escura, quase negra, e as coberteiras superiores da cauda são brancas. O bico e os pés são cor de chumbo.

Alimentam-se de girinos, pequenos crustáceos e principalmente da vegetação encontrada na beira da água. Podem pastar as gramíneas que crescem nas margens dos cursos d'água ou mergulhar para obter as partes mais tenras desses vegetais.

A marreca-caneleira faz seu ninho na vegetação aquática ou também em buracos em troncos de árvores. A fêmea bota muitos ovos, passam de dez, que são chocados tanto por ela quanto pelo macho.

Preferem áreas alagadas abertas e não habitam rios com correnteza forte. Ocorrem em todo o território nacional.

No estado de SP, um bom local para observação da espécie é o mini-pantanal de Tanquã, em Piracicaba.

Dendrocygna autumnalis

Chamada popularmente de asa branca, pois quando voa, exibe grande mancha branca nas asas.

Possuem 48 centímetros de comprimento.

Têm a cabeça acinzentada com um pequeno chapéu de cor marrom claro. Seu corpo é de um tom marrom pálido. O que mais chama a atenção na coloração dessa ave são o bico e as patas, que são de um tom forte alaranjado. O macho difere da fêmea por ter a coloração mais forte, pronunciada.

Possui duas subespécies:

Dendrocygna autumnalis autumnalis - ocorre dos Estados Unidos, no extremo Sul do estado do Texas, até o Norte da Argentina, principalmente a Leste da Cordilheira dos Andes, atingindo todo o território do Brasil.

Dendrocygna autumnalis fulgens - ocorre do Sul dos Estados Unidos até o Panamá.

Alimentam-se de talos, sementes, pequenos crustáceos e larvas de insetos.

Podem ser observados em bandos compostos por vários

indivíduos pastando na vegetação gramínea das margens dos alagadiços.

A asa branca é uma marreca que prefere nidificar em ocos de árvores. Os ninhos podem ser encontrados bem próximos do solo, como em mourões de cerca ou em grandes altitudes como troncos de palmeiras. As fêmeas de *D. autumnalis* tem o hábito de botar seus ovos nos ninhos umas das outras, misturando assim sua prole. Podem também botar seus ovos nos ninhos de outras marrecas que criam seus filhotes como mães adotivas. A quantidade de ovos colocados é sempre grande (superior a 10 ovos) e a incubação pode variar entre 20 e 30 dias. Os filhotes nascem com a plumagem diferente dos adultos, predominando a cor bege.

São encontradas em áreas de brejo em bandos que podem ultrapassar os 50 indivíduos. Podem se deslocar por grandes áreas para encontrar alimento, e tem como hábito empoleirar-se em árvores para descansar.

Se você pesquisar no wikiaves, verá que há registros dessa espécie em todos os estados do Brasil, com exceção de um estado, o Rio Grande do Norte.



asa-branca, *Dendrocygna autumnalis*

Foto: Jefferson Silva



irerê, *Dendrocygna viduata*

Foto: Norton Santos

ESPÉCIES DO MÊS

Marrecas - gênero *Dendrocygna*

Continuação

Dendrocygna viduata

Seu nome popular é irerê, pois quando sobrevoa uma área, emite uma vocalização que lembra o som da palavra irerê.

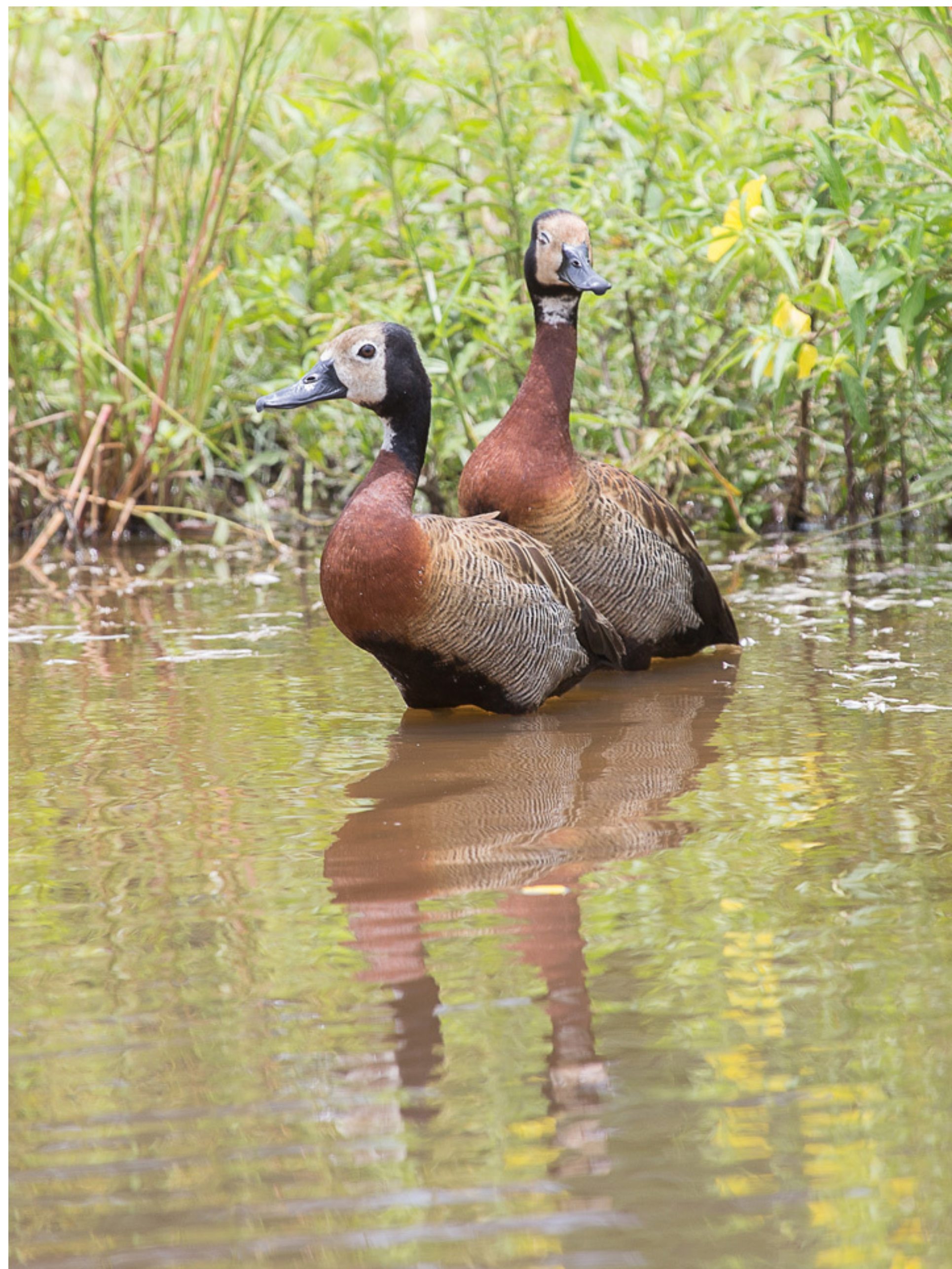
Possuem 44 centímetros de comprimento. Exibem uma máscara branca que contrasta com seu pescoço e bico de cor bem escura. Seu peito é castanho dourado e o restante do corpo é estriado de preto e branco.

É sem dúvida nenhuma o pato mais conhecido entre os leigos, pois costumam se aproximar de áreas urbanizadas e até frequentam cursos d'água poluídos dentro dos grandes centros urbanos.

Sua dieta não difere da dos seus parentes de mesmo gênero, ou seja, comem insetos, pequenos crustáceos e vegetação aquática.

Diferente de seus antecessores, o irerê não faz seu ninho em ocos de árvores, preferindo sempre construí-los no chão, próximo da vegetação aquática. A fêmea bota até 15 ovos que podem ser chocados somente por ela ou pelo casal.

Está presente em todo o Brasil. Deslocam-se durante a noite e formam grandes bandos nas margens de áreas alagadas onde pousam para se alimentar. ■



irerê, Dendrocygna viduata

Foto: Norton Santos

Chapada dos Veadeiros: várias fitofisionomias, dezenas de cachoeiras, trilhas, morros e paisagens. centenas de espécies de pássaros, milhares de histórias...

Venha viver uma Aventura na **savana brasileira**

 **Pacotes ecoturísticos**  **Roteiros de Birdwatching**  **Expedições**  **Hospedagem**  **Translados** 

 reservas@ecorotas.com.br  facebook.com/ecorotas  62 3446 1820 www.ecorotas.com.br

Nova lista de aves brasileiras é publicada

Foi publicada no volume 23 (2015) da Revista Brasileira de Ornitologia a nova lista de espécies de aves brasileiras.

Com 1919 espécies descritas, a nova lista tem 10 espécies a mais do que a lista anterior.

De acordo com a publicação, após trabalhos sistemáticos modernos, a maioria das novas espécies da lista recém publicada era de subespécies que foram elevadas à categoria de espécies.

Além da inserção de novas espécies à lista, foram feitas diversas alterações em nomes populares de algumas espécies.

Já há alguma discussão no site WikiAves ou Facebook sobre as alterações, uma vez que seja impossível agradar gregos e troianos!

gaivota-alegre

O observador e fotógrafo de aves Paulo Fenalti, de São Leopoldo/RS, fez o primeiro registro documentado da gaivota-alegre, *Leucophaeus atricilla*, para o estado do Rio Grande do Sul. A foto está no wikiaves, e pode ser vista nesse link.

A ave foi fotografada no município de Cidreira, região litorânea do estado, cerca de 112 km distante da Capital, Porto Alegre.

Eventos 2016

Para este ano estão programados, além do Avistar Brasil em maio, diversos outros eventos dedicados à observação de aves em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Acre, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

A aguardem as novidades e programe-se!

Apresentada a nova Nikon D5

Uma nova câmera fotográfica Nikon foi apresentada na CES 2016, em Las Vegas no início desse ano. A CES é uma feira de produtos eletrônicos, e é considerada a maior feira do setor, do mundo.

A nova Nikon D5 deverá ser vendida a partir de março, e virá com a seguinte especificação:

- 20 MP
- 12 frames por segundo
- buffer para até 200 fotos, com um cartão rápido
- 153 pontos de foco
- tela touch-screen
- ISO de 102400, podendo atingir até incríveis 3276800
- vídeo 4K
- possibilidade de fazer fotos enquanto um filme é gravado

A D5 não terá alguns recursos comuns, como ajuste de brilho do LCD ou WiFi.

A Nikon D5 já está em pré-venda nas lojas norte americanas, como a famosa BH PhotoVideo. O preço anunciado é um tanto salgado, U\$6496,95.

Quem tiver bolso, terá uma excelente câmera pela frente!

Nova lente Canon para o futuro?

De acordo com o site Canon Rumors, uma nova patente foi registada pela Canon, para uma lente 200-600mm f/4.5-5.6 IS. A publicação da notícia pode ser nesse link.

Após o sucesso das lentes Tamron 150-600mm e Sigma 150-600mm, a Canon não podia ficar atrás, e a patente vem adicionar uma lente bastante desejada por muitos usuários, especialmente observadores de pássaros.

A Canon tem atualmente duas lentes zoom muito boas para fotografia de natureza, a bastante conhecida 100-400mm f/4.5-5.6 IS e a 200-400mm f/4 com teleconversor embutido. Agora é esperar para ver essa nova lente sendo produzida.



Dia Estadual de Observação de Aves

Foi publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo, no dia 14 de janeiro deste ano, a lei que decreta a criação do Dia Estadual do Observador de Aves. A data escolhida foi o último domingo do mês de Outubro.

O projeto de lei nº 1304/2015 foi de autoria do deputado Chico Sardelli, do Partido Verde - PV.

A Revista Passarinando entrou em contato com o deputado, que gentilmente cedeu uma entrevista contando sobre a criação do projeto de lei, e sua visão sobre a Observação de Aves no estado de São Paulo.

A Revista Passarinando agradece a participação do deputado.

Como surgiu a ideia da criação do projeto de lei?

O projeto surgiu a partir de uma reunião realizada em setembro de 2015 na Secretaria Estadual de Turismo. Estiveram presentes vários representantes do setor de observação de aves, entre os quais o Instituto Butantã, Fundação Florestal, Save Brasil, Ubatuba Birds, Maritaca Expeditions, Centro de Estudos Ornitológicos, Conteúdo Brasil, Brazilian Adventure Association, Avistar Brasil e personalidades de reconhecimento internacional na ornitologia e observação de aves.

Os participantes ofereceram a possibilidade da oficialização de uma data para o “Dia Estadual de Observação de Aves”, indicando como a melhor data o quarto domingo de outubro. A partir de então pude apresentar o projeto na Assembleia Legislativa, que gerou a lei nº 16.108/2016.

A data escolhida atende o calendário internacional e, na primavera, a observação de aves é mais ativa. Nessa época mais visitantes de outras localidades do Brasil e de outros países visitam nosso estado, especificamente para essa prática.

Como foram as discussões no plenário para conseguir apoio ao seu projeto?

LEI Nº 16.108, DE 13 DE JANEIRO DE 2016

Institui o “Dia Estadual de Observação de Aves”

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO: Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei: Artigo 1º - Fica instituído o “Dia Estadual de Observação de Aves”, a ser comemorado, anualmente, no quarto domingo de outubro. Artigo 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 13 de janeiro de 2016.

GERALDO ALCKMIN

Patrícia Faga Iglecias Lemos - Secretária do Meio Ambiente
Roberto Alves de Lucena - Secretário de Turismo

Edson Aparecido dos Santos -Secretário-Chefe da Casa Civil

Publicada na Assessoria Técnico-Legislativa, aos 13 de janeiro de 2016.

Conversei com vários deputados sobre o tema, que declaram seu apoio ao projeto pela importância do tema. Por se tratar de um projeto de data comemorativa, pelo regimento interno da Assembleia não precisa passar por votação em plenário. A aprovação acontece nas comissões permanentes.

Nesse caso, o projeto foi aprovado nas Comissões de Constituição, Justiça e Redação e de Meio Ambiente. Com a aprovação, é publicado o autógrafo, assinado pelo presidente da Casa, que segue para sanção do governador. Com a análise favorável do governo, a lei foi sancionada e publicada no Diário Oficial do dia 15 de janeiro.

Como você vê a atividade de observação no estado de SP?

Tenho conhecimento que a sociedade civil e a iniciativa privada têm se esforçado para fomentar essa atividade, principalmente nos municípios que compõem o Vale do Ribeira e Alto Vale do Ribeira, Costa da Mata Atlântica e Litoral Norte, regiões que abrigam a mais rica biodiversidade do estado e a maior quantidade de



espécies de aves e de espécies endêmicas. O evento denominado Global Big Day, organizado há mais de 30 anos pelo Laboratório de Ornitologia da Universidade de Cornell (EUA) que ocorreu em 9 de maio de 2015 surpreendeu até mesmo os brasileiros. O Brasil teve uma participação importante e o Estado de São Paulo contribuiu com o maior número de espécies enviadas, bem como de listas de espécies.

O Brasil desponta na dianteira e os municípios de maior participação estão no Estado de São Paulo, destacando-se Ubatuba e Peruíbe, entre outros, como participantes reconhecidos internacionalmente como de grande importância para fundamentar o dia de observação de aves mundial.

Você acha que essa lei pode ser um incentivo para novas iniciativas de conservação no estado?

Com certeza.

A criação de uma data oficial de observação de aves para o Estado de São Paulo o coloca em evidência para várias

organizações mundiais que promovem atividades envolvendo observadores de todo o mundo, e assim contribuem para a preservação de espécies e para estudos científicos, inclusive sobre o estudo da transmissão de vírus como o da gripe aviária. A proposta vai de encontro com a necessidade de vincular diferentes atividades à preservação do meio ambiente. O Turismo de Observação de Aves é uma atividade que aproxima o homem da natureza, seja no quintal de sua casa, praças, parques, reservas e todo tipo de Unidade de Conservação. Além disso, segundo a Polícia Ambiental e Polícia Florestal, a atividade revela o lado preservacionista não só do praticante, mas também de outros envolvidos, todos viram fiscais da natureza auxiliando o combate ao tráfico de animais silvestres, caça, desmatamento, depredação de áreas verdes, entre outras práticas perniciosas. Esse tipo de turismo tem algumas vantagens que o diferencia de muitas outras categorias, como o impacto mínimo ao meio ambiente e às culturas locais. ■



CONHEÇA UM GUIA

Tomaz Melo Rio Branco/AC

Texto e fotos: Tomaz Melo | Organização: Norton Santos



A edição 6 apresenta o guia Tomaz Melo, um paulistano criado em São José dos Campos, SP, e atualmente morando em Rio Branco, capital do AC.

Como você leitor poderá ver, Tomaz é guia em um roteiro sensacional, com espécies fantásticas da Amazônia.

Tomaz, quando você começou a passarinhar?

Desde 2009, no início da minha graduação em Biologia, em São José dos Campos. No mesmo tempo que eu comecei a estudar as aves eu comecei a fazer observação no Campus da Universidade do Vale do Paraíba. Eu acho que todo ornitólogo devia ser um observador de aves, porque se você observa a ave, você aprende várias coisas que você não vai ter acesso na literatura e além disto você se apaixona pelo seu objeto de estudo. Observar aves faz bem para a cabeça, faz bem para o corpo. Ao final de uma longa jornada diária você está fisicamente quebrado, mas mentalmente feliz.

Quando você foi para o Acre e o quê foi fazer lá?

Cheguei no Acre em fevereiro de 2013 e vim fazer o mestrado em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais na Universidade Federal do Acre – UFAC.

E quando começou a atividade de guia ornitológico?

A atividade nasceu da necessidade financeira de custear o curso de mestrado, pois em 2014, mudei-me para Manaus e precisava bancar as despesas com os deslocamentos para Rio Branco. Aproveitando que no Acre não tinha nenhum guia, dei início a essa atividade.

Até hoje eu sou o único guia no Acre. O Acre é um estado que tem um potencial incrível porque se tem um número razoável de espécies endêmicas, restritas ao Sudoeste da Amazônia. Muitas espécies, tirando o Acre só vão ocorrer na Bolívia e no Peru. No Brasil, para se ver determinadas espécies é preciso ir ao Acre.

No Acre são cerca de 700 espécies registradas. As endêmicas exclusivas do estado, são quantas?

Eu não sei dizer o número exato, mas tem espécies muito interessantes, pois as matas do Acre são diferentes das de outros estados da Amazônia. Em uma grande extensão é dominada por florestas com bambus (*Guadua* sp.) o que não se encontra em outros estados brasileiros, por isto algumas espécies são restritas ao Acre no Brasil. O Acre está inserido em um centro de endemismos chamado Inambari, alguns exemplos de espécies endêmicas dessa região são a agulha-de-garganta-branca (*Brachygalba albogularis*), cantador-galego (*Hypocnemis subflava*), inhambu-de-coroa-preta (*Crypturellus atrocapillus*) e o formigueiro-do-bambu (*Myrmoborus lophotes*).

Fotografar nos tabocais é complicado, mas compensa, pois as surpresas são grandes.

Esta complicação não é exclusiva dos tabocais, é mesmo uma característica da Amazônia. Se ouve muito mais do



pinto-do-mato-de-cara-preta, *Formicarius analis*

CONHEÇA UM GUIA

Tomaz Melo Rio Branco/AC

Continuação



sovela-vermelha, *Galbalcyrhynchus purusianus*

que se vê e se vê muito mais do que se tem a oportunidade de fotografar. De duas uma: ou as aves estão no alto, no dossel das árvores ou elas estão bem escondidas nas brenhas, nas galhadas e não se expõem, pois é da biologia de várias das espécies deste bioma

gostarem de locais escuros e sombrios. É um desafio para o fotógrafo de aves, e para o guia também, tentar fazer estas espécies se aparecerem em locais apropriados para uma boa foto. É muito comum você voltar de uma expedição, não só do Acre, mas da Amazônia, com uma relação de registros bem maior que a relação das espécies fotografadas. Esta é uma característica que o ambiente e a biologia das espécies impõem.

O Acre é especial, mas quais são os locais mais atrativos para se observar aves ali?

No meu roteiro, eu começo por Rio Branco, visitando o Parque Zoobotânico da UFAC e alguns ramais (como se chamam ali as estradas vicinais), como por exemplo o Ramal do Riozinho do Rola; tem a Reserva Catuaba, no município de Senador Guiomar e a Reserva Humaitá, no município de Porto Acre. Estas duas reservas são da UFAC e são usadas pelos estudantes da universidade para pesquisa. São áreas com mata em bom estado de conservação e com ótimas trilhas. Temos também o



agulha-de-garganta-branca, *Brachygalba albogularis*

município de Xapuri que é um bom local de se observar e registrar aves. Vários locais são muito próximos da capital, podendo-se fazer um esquema de bate-e-volta diário, pernoitando-se em Rio Branco. Outra opção, em um ambiente diferente inclui uma ida a Manoel Urbano, onde se faz uma passarinhada de barco no Rio Purus, local da enigmática sovela-vermelha (*Galbalcyrhynchus purusianus*).

Por conta das facilidades logísticas este roteiro tem como base Rio Branco, mas em compensação você tem toda a Bacia do Rio Juruá, cuja base é a cidade de Cruzeiro do Sul, no Oeste do estado, que ainda é pouco explorado e tem várias espécies encontradas apenas lá, como por exemplo a choca-do-acre (*Thamnophilus divisorius*), apenas descrita em 2004 e que não tem nenhum registro no Wikiaves.

Por que é especial observar aves no Acre?

Porque você vai ter a oportunidade de ver aves muito pouco conhecidas; são raros os observadores de aves que já viram algumas destas espécies e, além disso, há um grande número de espécies “complicadas” não só para encontrá-las, mas também de fotografá-las.

E numa passarinhada, qual é a maior emoção, o que faz o coração disparar?

É quando eu encontro uma espécie difícil, das





formigueiro-grande, *Akletos melanocephalus*



capitao-de-bigode-limao, *Eubucco richardsoni*

consideradas fantasmas; aquelas que você sabe que pode encontrar, mas tem a consciência que é muito difícil encontra-la. E ela aparecer na sua frente é algo especial. No Acre eu vivi três destas emoções: foi observar e fotografar o jacu-estalo (*Neomorphus geoffroyi*); o flautim-rufo (*Cnipodectes superrufus*) e o ferreirinho-de-cara-branca (*Poecilatriccus albifacies*). São três espécies que me marcaram muito e que eu quase enfartei. São poucos os registros destas espécies, pois são difíceis de observá-las e difíceis de encontra-las. Podem ser consideradas espécies fantasmas. Com estas aves, não tem a história de se programar e dizer: hoje eu vou em tal ponto e vou registrar o flautim-rufo. Não existe isto. Elas são impressionantes.

Quais as espécies que faltam para reviver esta emoção?

No Acre gostaria muito de encontrar três espécies: uma é o pinto-do-mato-de-fronte-ruiva (*Formicarius rufifrons*), que ainda não tem nenhum registro no Brasil no Wikiaves; o tovacuçu-xodó (*Grallaria eludens*) e o meu sonho máximo que é a choca-do-acre (*Thamnophilus divisorius*), só encontrada na Serra do Divisor, na fronteira do Acre com o Peru, uma área bastante remota, com o acesso complicado.

Alguma programação para uma ida à Serra do Divisor para fotografar a choca-do-acre?

Eu estou estudando a logística para esta expedição, mas ainda não fechei uma programação para esta tão sonhada aventura; por enquanto, estou apenas no planejamento.

O quê um observador de aves não pode deixar de ver no Acre?

As espécies que você não pode deixar e de ver e que são mais fáceis de encontrar incluem o pica-pau-lindo (*Celeus spectabilis*), a sovela-vermelha (*Galbalcyrrhynchus purusianus*) e toda a avifauna que é especialidade das florestas de bambu, típicas do Acre como a maria-sebinha-do-acre (*Hemitriccus cohnhafti*) e a choquinha-do-bambu (*Myrmotherula oreni*), duas espécies recentemente descritas.

Que equipamentos você usa quando está guiando?

Uso um binóculo Zeiss 7x50, presente do amigo observador de aves Marco Guedes, que eu tive a honra de guiar no Acre, uma câmera Canon SX 50HS e equipamento para playback. ■

Contatos

tomaznmelo@hotmail.com

092 982592411



Todos já sabemos do potencial de nosso país para a atividade de observação de aves. São mais de 1900 espécies diferentes em um território gigantesco e seis biomas a serem explorados: mata atlântica, cerrado, pantanal, floresta amazônica, caatinga e pampas. Neste contexto pantanal e amazônia são os mais conhecidos. Qual observador ou fotógrafo de aves já não sonhou em conhecer estes locais? Sim, confesso que eu também sonhei com isso um dia e já fui algumas vezes a estes destinos. Mas infelizmente devido aos altos preços não são locais para observadores de aves irem a toda hora.

E diante destas dificuldades, novos pontos surgem como excelentes opções para a observação de aves. É o caso de uma pequena cidade com cerca de 15 mil habitantes, chamada Boa Nova, que fica localizada no centro sul da Bahia, a pouco mais de 100 km de Vitória da Conquista e a 480 km da capital Salvador.

Já estive em Boa Nova em três ocasiões e o local nunca decepcionou. Muito pelo contrário, vi por lá espécies de aves muito interessantes e algumas raras e endêmicas desta região do país e que até hoje não vi em outro ponto. Um atrativo para o visitante são os preços baixos oferecidos no local, seja para hospedagem, seja para alimentação e também a segurança de se estar em uma pequena cidade do interior da Bahia!

É importante salientar que a estrutura em uma cidade pequena pode deixar a desejar, principalmente para o observador que se acostumou a viver nas grandes cidades. Não vá esperando encontrar luxo. Existem poucas opções de hospedagem e alimentação em Boa Nova. As acomodações são simples, mas é possível encontrar quartos com ar condicionado e internet. No domingo o principal restaurante da cidade não abre, mas na praça central existem lanchonetes, mercados, farmácias e Banco do Brasil e Bradesco. Celular por experiência própria posso dizer que Vivo e Oi funcionam.

Para se chegar a Boa Nova a melhor opção é sem dúvidas de avião. A empresa Azul tem vôos diários de



Boa Nova, BA

Belo Horizonte a Vitória da Conquista e através da conexão entre vãos é possível estar em Boa Nova em poucas horas não importando o local que você estiver. Do aeroporto de Vitória da Conquista até Boa Nova é cerca de 1 hora e meia de carro pela BR 116. No salão de desembarque do aeroporto de Vitória da Conquista encontramos as principais locadoras de veículos.

Para os aventureiros que preferirem fazer o trajeto todo de carro, as distâncias até Boa Nova são:

- Salvador = 480 km
- Vitória da Conquista = 110 km
- São Paulo = 1558 km
- Rio de Janeiro = 1220 km
- Belo Horizonte = 998 km
- Brasília = 1101 km

Mas como o que interessa mesmo são as aves, Boa Nova é muito especial. Mais de 450 espécies já foram registradas no município, mais da metade das espécies de aves encontradas em todo estado da Bahia. Não é a toa que a população do local adotou um slogan para cidade: “Boa Nova – Paraíso das Aves”.

A alta diversidade de espécies se deve pela localização do município que se encontra justamente na transição

entre dois biomas: mata atlântica e caatinga.

Boa Nova tem clima agradável, com temperatura média de 24°. A cidade está localizada a uma altitude de 748m, mas no município uma cadeia de montanhas conhecida localmente como Serra da Ouricana tem o ponto mais alto ultrapassando os 1100m. Esta cadeia acaba atuando como barreira natural para as correntes de nuvens úmidas que chegam do litoral. Estas características somadas ao relevo permitem que na parte leste do município ocorra à mata úmida (mata atlântica) e na parte oeste a caatinga (mata seca). Com a Serra atuando como uma espécie de esponja natural, várias nascentes e pequenos córregos formam dezenas de cachoeiras no município.

Entre estas duas vegetações e onde esta localizada a cidade, existe ainda a chamada mata de cipó, que reúne características tanto da caatinga como da mata atlântica, fazendo o elo de transição entre os dois biomas e que acaba sendo uma formação vegetal única desta parte do país. Cada uma destas três formações vegetais abriga suas espécies de aves características. Alguns exemplos:

- Mata atlântica: sabiá-castanho, acrobata, rabo-amarelo, choró-ró-cinzento, João-baiano, borboletinha-baiana, caburé-miudinho, vissia, fim-fim-grande, furriel,

papa-moscas-estrela.

- Caatinga: rolinha-de-asa-canela, tijerila, João-de-cabeça-cinza, corupião, piu-piu, periquito-da-caatinga, choró-zinho-da-caatinga, casaca-de-couro, formigueiro-de-barriga-preta.

- Mata de cipó: gravatazeiro, torom-do-nordeste, zabelê ou João-do-sul, formigueiro-do-nordeste, balança-rabo-canela.

Na mata de cipó na verdade, podemos encontrar tanto espécies da caatinga como da mata atlântica úmida: choca-do-nordeste, choca-de-sooretama, aracuã-de-barriga-branca, maracanã-verdadeira, rabo-branco-de-cauda-larga, rapazinho-dos-velhos, pica-pau-anão-pintado, choca-barrada-do-nordeste, arapaçu-de-bico-torto, bico-chato-amarelo, balança-rabo-de-chapéu-preto, tié-caburé, cardeal-do-nordeste são alguns exemplos.

Juntando-se a tudo isso algumas espécies típicas do cerrado, como o João-bobo, a perdiz, o bico-de-pimenta, o sebinho-olho-de-ouro, e também áreas úmidas e pequenas represas, onde podemos encontrar aves aquáticas como pernilongo-de-costas-negras e marreca-toicinho e pronto, estão formados cenários muito propícios para as aves e para seus observadores. Esta é



Mata Atlântica



Mata de Cipó

Boa Nova, que faz jus a seu título de paraíso das aves.

Outro fator interessante em Boa Nova são as pequenas distâncias percorridas para observar aves. Estando na cidade, basta percorrer de 05 a 10 km para leste para estar em plena mata úmida ou 5 km a oeste para estar em plena caatinga ou mata de cipó, com aves muito diferentes em cada um destes locais.

Outra grata surpresa: existem no município cinco ou seis áreas conhecidas como lajedos ou lajeados, que são imensas rochas naturais, algumas com mais de 30 hectares que são ambientes muito diferentes no aspecto vegetal, pois neles crescem pequenas plantas, como bromélias, orquídeas, uma vegetação arbustiva com pequenas flores e centenas de cactos em miniatura, conhecidos como cacto-cabeça-de-frade (*Melocactus* sp.). Nestes lajedos o cabeça-de-frade abre suas pequenas flores rosadas todas as tardes a partir de 15:00h. mais ou menos e isso acabou por atrair um grande número de beija-flores para se alimentarem do néctar oferecido. Espécies como besourinho-de-bico-vermelho, beija-flor-de-peito-azul, beija-flor-tesoura são freqüentes. Mas em determinada época do ano, mais especificamente entre a primavera/verão (outubro a fevereiro), o beija-flor-vermelho chega de migração em grande

número a estes lajedos e se reproduzem por lá. Este é um momento único para qualquer observador de aves, pois é possível ver 3 ou 4 machos desta espécie pouco comum ao mesmo tempo. E como são bonitos! Eles parecem acender, quando em poucos segundos conforme a posição diante do observador, brilham e revelam o vermelho do alto da cabeça, o amarelo da garganta e peito e o alaranjado da cauda aberta em leque, que até então estavam escondidos diante de uma plumagem escura e sem graça na maior parte do tempo. Algo de impressionar até mesmo quem não é da área!

E que desafio é fotografar este pequeno “aceso”, mostrando estas lindas cores ao mesmo tempo. Eles brilham muito rápido. Deve durar menos de um segundo. Às vezes, brilha apenas o alto da cabeça, outras vezes o que brilha é apenas o peito. A cor vibrante aparece geralmente quando ele esta na contra luz. Isso faz com que uma boa fotografia dele mostrando todos os tons seja um verdadeiro prêmio ao fotógrafo que tem esta oportunidade única. Posso dizer que ir ao encontro do beija-flor-vermelho no lajedo dos beija-flores todas as tardes durante sete dias consecutivos no mês de dezembro de 2015 ao lado do amigo Luiz Ribenboim, ora acompanhado pelo Josafá Sampaio, ora pelo seu filho Josafá Filho, foi uma experiência única para mim.



Lajeado



Caatinga

Passamos horas que “voaram”, entretidos no desafio de conseguir se superar e registrar aquela pequena jóia alada, mergulhados em um silêncio em que nenhum barulho de carro, música, cidade, civilização, nada chegava até nós, a não ser os sons da natureza, das asas dos beija-flores ou das maracanãs e periquitos que vez ou outra sobrevoavam o local.

Uma excelente notícia surgiu em 2010, mais exatamente no dia 11/06 onde a partir de um decreto presidencial foi criado o Parque Nacional e o Refúgio de Vida Silvestre de Boa Nova possuindo áreas de 12.065 e 15.024 hectares respectivamente com o objetivo de proteger e regenerar as áreas de transição entre a mata atlântica e a caatinga, especialmente a mata de cipó, garantindo assim a manutenção de populações viáveis de espécies de aves e outros seres ameaçados de extinção, especialmente o gravatazeiro (*Rhopornis ardesiacus*). Esta ave ameaçada endêmica do Brasil e que até o momento só pode ser encontrada no centro sul da Bahia e extremo nordeste de Minas Gerais em um trecho de pouco mais de 300 km, e que acabou se tornando uma espécie bandeira para a criação do Parque Nacional sendo adotada como uma espécie de mascote pela população de Boa Nova. Ela vive exclusivamente no

interior das matas de cipó sempre associadas a uma planta chamada gravatá que é uma espécie de bromélia de chão, onde inclusive faz seu ninho. Apesar do decreto, o parque ainda esta em processo de regulamentação e as propriedades privadas que estão dentro dos limites do parque ainda devem ser adquiridas pela união, sendo os proprietários destas terras ressarcidos por isso, processo chamado de regularização fundiária. No parque nacional serão permitidas apenas atividades ligadas ao turismo ecológico e pesquisas científicas. Já nas áreas do refúgio de vida silvestre as antigas populações tradicionais que tem sua vida ligada a estas terras não serão removidas e serão permitidas atividades de criação de animais domésticos, o cultivo de plantas e outras formas de utilização da terra e dos recursos compatíveis com os objetivos da unidade. No total aproximadamente 27.000 hectares de área estarão protegidos e a responsabilidade de administrar esta área será do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. Belo exemplo a ser seguido!

Mas como nem tudo são flores, a nota triste fica registrada pelas inúmeras queimadas nas áreas de mata atlântica em Boa Nova que pude ver com os próprios olhos, nos meses de novembro e dezembro de 2015.



beija-flor-vermelho / *Chrysolampis mosquitus*

Canon 7D, Canon 300mm f/2.8 f/3.5, 1/2000, ISO 1600, +0.3, @300mm



gravatazeiro / *Rhopornis ardesiacus*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/3.5, 1/250, ISO 1000, @30mm



Isso serve para mostrar que ainda há muito a fazer na questão da conscientização da população. Foi triste ver o esforço dos poucos brigadistas em Boa Nova, lutando com o que tinham em mãos vários dias seguidos contra o fogo que queimava e destruía tudo pela frente. Áreas de mata alta, nas quais eu tinha feito observações de aves raras em março de 2013, agora em 2015 estavam devastadas pelas queimadas recentes. E o pior é que a cada dia que passava, novos focos apareciam em pontos distintos! Uma pena, pois logo a mata atlântica que já foi tão devastada em nosso país e que em Boa Nova e região guarda várias espécies raras e ameaçadas e além do mais é a principal responsável por garantir grande parte das nascentes e água potável da região!

Vale à pena ressaltar o trabalho de Josafá Sampaio em Boa Nova. Ele é o chefe da brigada contra incêndio e vi a árdua tarefa que ele desempenhou com seus companheiros ao irem de encontro ao fogo em locais de difícil acesso e apagarem com muita dificuldade os incêndios na mata úmida do município. Josafá é um daqueles casos que nos encham de esperança na área ambiental em nosso país. Ele era caçador que virou ambientalista! Hoje em dia luta com unhas e dentes na conscientização da população, mostrando que o melhor caminho é a preservação. Levou junto com ele seu filho Josafá Filho (Fafá), e os dois se tornaram guias

ambientais em Boa Nova. Josafá (pai) tem até um pequeno filme contando um pouco desta história, o nome do curta é “O vôo do caçador” e pode ser acessado no youtube.

Deixo aqui meu parecer pessoal sobre Boa Nova, e aproveito para agradecer aos amigos Ester Ramires e Marcos Holanda pelo acesso ao lajeado, para fotografar o beija-flor-vermelho.

Por que ir a Boa Nova? Porque o local tem potencial para agradar desde os novatos na atividade, até os mais experientes.

Para quem esta iniciando, mais de 450 espécies de aves de dois biomas tão diferentes. É certeza de voltar de lá com muitos lifers (espécies novas registradas pela primeira vez por alguém). Já para os fotógrafos com mais rodagem, Boa Nova apresenta oportunidades únicas de fotografar de perto da estrada na maioria dos casos.

Que outro local seria possível andar só 10 km e mudar de ambiente e de espécies, como fazemos em Boa Nova quando deixamos a caatinga para ir até a mata atlântica?

Dá para investir em tentar realizar fotos boas, com qualidade e não apenas registros. Para o beija-flor-vermelho não conheço local melhor que o já mencionado lajeado dos beija-flores.

É só ter paciência e tempo na época certa para garantir uma excelente imagem desta e de tantas outras espécies!



anambezinho / *Iodopleura pipra*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/7.1, 1/800, ISO 800, +0.3EV, @300mm



João-de-cabeça-cinza / *Craniolaema semicinerea*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/5.6, 1/8000, ISO 800, -0.3EV, @300mm



Onde comer: Restaurante Gravatazeiro

Onde ficar: Pousada dos Pássaros

Lista das principais espécies de aves em Boa Nova (BA), lembrando que a lista abaixo mostra apenas uma parte das aves de Boa Nova. No total, já há 457 espécies diferentes registradas até o momento. ■

-perdiz (<i>Rynchotus rufescens</i>)	-bico-reto-de-banda-branca (<i>Heliomaster squamosus</i>)	-anambézinho (<i>Iodopleura pipra</i>)
-cordona-do-nordeste (<i>Nothura boraquira</i>)	-rapazinho-dos-velhos (<i>Nystalus maculatus</i>)	-tijerila (<i>Xenopsaris albinucha</i>)
-marreca-toicinho (<i>Anas bahamensis</i>)	-urubuzinho (<i>Chelidoptera tenebrosa</i>)	-borboletinha-baiana (<i>Phylloscartes beckeri</i>)
-aracuã-de-barriga-branca (<i>Ortalis aracuan</i>)	-araçari-de-bico-branco (<i>Pteroglossus aracari</i>)	-bico-chato-amarelo (<i>Tolmomyias flaviventris</i>)
-urubu-rei (<i>Sarcoramphus papa</i>)	-pica-pau-bufador (<i>Piculus flavigula</i>)	-ferreirinho-de-testa-parda (<i>Poecilotriccus fumifrons</i>)
-águia-chilena (<i>Geranoaetus melanoleucus</i>)	-pica-pau-anão-pintado (<i>Picumnus pygmaeus</i>)	-sebinho-olho-de-ouro (<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>)
-gavião-de-cauda-barrada (<i>Buteo albonotatus</i>)	-piu-piu (<i>Myrmorchilus strigilatus</i>)	-papa-moscas-estrela (<i>Hemitriccus furcatus</i>)
-gavião-pombo-grande (<i>Pseudastur polionotus</i>)	-formigueiro-do-nordeste (<i>Formicivora iheringi</i>)	-barulhento (<i>Euscarthmus meloryphus</i>)
-pernilongo-de-costas-negras (<i>Himantopus mexicanus</i>)	-formigueiro-de-barriga-preta (<i>Formicivora melanogaster</i>)	-marianinha-amarela (<i>Capsiempis flaveola</i>)
-narcejão (<i>Gallinago undulata</i>)	-chorózinho-da-caatinga (<i>Herpsilochmus sellowi</i>)	-bagageiro (<i>Phaeomyias murina</i>)
-rolinha-de-asa-canela (<i>Columbina minuta</i>)	-choca-do-nordeste (<i>Sakesphorus cristatus</i>)	-vissiá (<i>Rhytipterna simplex</i>)
-maracanã-verdadeira (<i>Primolius maracana</i>)	-choca-barrada-do-nordeste (<i>Thamnophilus capistratus</i>)	-caneleiro-enxofre (<i>Casiornis fuscus</i>)
-jandaia-de-testa-vermelha (<i>Aratinga auricapillus</i>)	-choca-listrada (<i>Thamnophilus palliatus</i>)	-papa-moscas-cinzentos (<i>Contopus cinereus</i>)
-periquito-da-caatinga (<i>Eupsitulla cactorum</i>)	-choca-de-sooretama (<i>Thamnophilus ambiguus</i>)	-vite-vite-de-olho-cinza (<i>Hylophilus amaurocephalus</i>)
-tiriba-grande (<i>Pyrrhura cruentata</i>)	-formigueiro-assobiador (<i>Myrmoderus loricatus</i>)	-garrinchão-pai-avô (<i>Pheugopedius genibardi</i>)
-apuim-de-cauda-amarela (<i>Touit surdus</i>)	-gravatazeiro (<i>Rhopornis ardesiacus</i>)	-balança-rabo-de-chapéu-preto (<i>Polioptila plumbea</i>)
-papa-lagarta-acanelado (<i>Coccyzus melacorhyphus</i>)	-chororó-cinzentos (<i>Cercomacra brasiliana</i>)	-sabiá-castanho (<i>Cichlopsis leucogenys</i>)
-coruja-preta (<i>Strix huhula</i>)	-torom-do-nordeste (<i>Hylopezus ochroleucus</i>)	-araponga-do-horto (<i>Oxyruncus cristatus</i>)
-caburé-miudinho (<i>Glaucidium minutissimum</i>)	-arapaçu-de-bico-torto (<i>Campyloramphus falcularius</i>)	-tico-tico-do-mato (<i>Arremon taciturnus</i>)
-mocho-diabo (<i>Asio stygius</i>)	-casaca-de-couro (<i>Pseudoseisura cristata</i>)	-corrupião (<i>Icterus jamacaii</i>)
-bacurauzinho-da-caatinga (<i>Hydropsalis hirundinacea</i>)	-joão-baiano (<i>Synalaxis whitneyi</i>)	-asa-de-telha-pálido (<i>Agelaioides fringilarius</i>)
-balança-rabo-canela (<i>Glaucidis dohrnii</i>)	-estrelinha-preta (<i>Synallaxis scutata</i>)	-bico-de-pimenta (<i>Saltatriculla atricollis</i>)
-balança-rabo-de-bico-torto (<i>Glaucidis hirsutus</i>)	-acrobata (<i>Acrobatornis fonsecai</i>)	-pimentão (<i>Saltator fuliginosus</i>)
-rabo-branco-de-cauda-larga (<i>Anopetia gounellei</i>)	-joão-de-cabeça-cinza (<i>Cranioleuca semicinerea</i>)	-tiê-caburé (<i>Compsothraupis loricata</i>)
-beija-flor-vermelho (<i>Chrysolampis mosquitus</i>)	-rabo-amarelo (<i>Tripophaga macroura</i>)	-cardeal-do-nordeste (<i>Paroaria dominicana</i>)
-beija-flor-roxo (<i>Hylocharis cyanus</i>)		-golinho (<i>Sporophila albogularis</i>)
		-caboclinho (<i>Sporophila bouvreuil</i>)
		-furriel (<i>Caryothraupis canadensis</i>)
		-azulão (<i>Cyanoloxia brissonii</i>)
		-fim-fim-grande (<i>Euphonia xanthogaster</i>)



joão-baiano / *Synallaxis whitneyi*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/6.3, 1/200, ISO 1000, -0.3EV, @300mm



acrobata / *Acrobatornis fonsecai*

Canon 7D, 100-400mm | f/6.3, 1/250, ISO 800, -0.3EV, @400mm



sabiá-castanho / *Cichlopsis leucogenys*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/6.3, 1/200, ISO 800, +0.7EV, @300mm



piu-piu / *Myrmorchilus strigilatus*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/7.1, 1/800, ISO 800, -0.3EV, @300mm





rabo-amarelo / *Tripophaga macroura*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/3.5, 1/800, ISO 640, 0EV, @300mm



choca-de-sooretama / *Thamnophilus ambiguus*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/8, 1/800, ISO 800, -0.3EV, @300mm

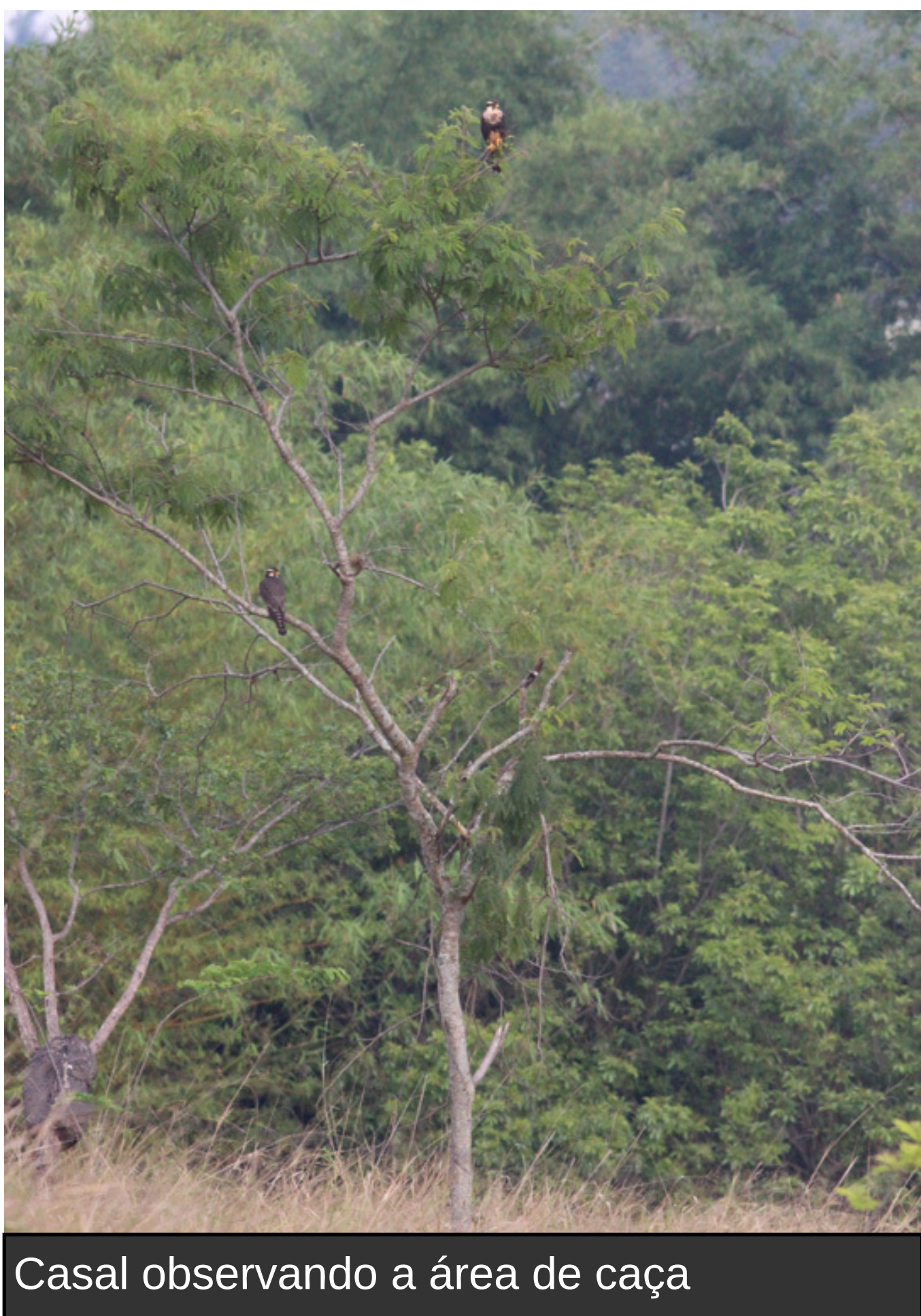


**Observação de ninho de falcão-de-coleira,
Falco femoralis (Temminck, 1822)**

Particpei de um levantamento de avifauna realizado na Reserva Biológica do município de Pindorama/SP, entre 2013 e 2014. O objetivo do trabalho foi conhecer as espécies de aves da área, e assim desenvolver por lá atividades relacionadas à educação ambiental.

Em um dia de andanças onde a área da Reserva se limita com a área mais urbanizada, observei um falcão-de-coleira sobrevoando em baixa altitude um extenso capinzal que ficava na beira de uma estrada de asfalto, a única daquela região. Me chamou a atenção, o fato da ave peneirar de vez em quando, como faz *Elanus leucurus*, até então eu não tinha observado esse comportamento no falcão-de-coleira. Eu o observava do topo de uma estradinha de terra, perpendicular à estrada asfaltada, e por estar em um local mais alto, era possível ter uma boa visão desse capinzal.

O falcão intercalava a patrulha sobre o capinzal com pousos em uma árvore isolada, que ficava a cerca de uns 400 metros de distância de onde eu estava. E foi dessa árvore que a ave partiu para um mergulho certo no capinzal de onde saiu com uma presa no nas garras,



Casal observando a área de caça



Macho passando presa para fêmea

aparentemente uma ave. Fiquei entusiasmado, pois não é corriqueiro vermos uma caçada bem sucedida, uma vez que essas aves tentam várias vezes até obterem sucesso em suas empreitadas, mas o melhor ainda estava por vir. O falcão veio exatamente na minha direção com a presa e bem pertinho de onde eu estava, na beira da estrada, pousou numa palmeira do gênero *Caryota* (rabo-de-peixe), que estava quase sem folhas, somente com seus pecíolos compridos e secos. De repente da base do emaranhado formado pelos pecíolos secos, surge outro falcão-de-coleira, um pouco maior, vai em sua direção, vocalizando muito, e arranca a presa de suas garras bico. Tratava-se de um casal, que nessa espécie apresenta a fêmea um pouco maior que o macho, ou seja, o macho estava caçando e trazendo para a fêmea, que, para minha alegria, cuidava de dois filhotes que estavam em um ninho na palmeira.

Geralmente os falcões-de-coleira não constroem ninho, eles utilizam ninhos abandonados de outras aves, cavidades naturais nas árvores ou até mesmo buracos como os feitos por pica-paus ou papagaios.

Como a metodologia de trabalho de levantamento que estávamos realizando não me permitia ficar por muito tempo em um mesmo ponto, eu só conseguia observar o



Adulto com presa no bico

ninho durante um determinado período por dia, e pude perceber que na maioria das vezes o macho realizava o trabalho de caça, porém, também observei o casal sobrevoando o capinzal em conjunto, caçando.

Em outro episódio, quando observava também um casal de *Falco femoralis* que caçava sobrevoando as ruas de um cafezal, pude flagrar o trabalho em conjunto dessa espécie. O macho perseguia um tiziu (*Volatinia jacarina*), voando baixo com destreza pela rua do cafezal, quando a fêmea apareceu de surpresa, de frente para o tiziu, agarrando-o no ato, sem chances para a avezinha. Fato que corrobora com a fama que essa espécie tem de cooperação entre macho e fêmea ao caçarem em conjunto, comportamento incomum entre rapinantes.

Voltando a história do ninho, pelo pouco tempo que observei, pude ver intensa atividade. Enquanto os dois filhotes já bem empenados pedinchavam no ninho, os pais caçavam ao redor e espantavam qualquer ave que voasse sobre o ninho, sendo ela possível predadora ou não. Por exemplo, vi o macho perseguir um carrapateiro (*Milvago chimachima*), um tucanuçu (*Ramphastos toco*) e carcará (*Caracara plancus*).

Os falcões-de-coleira se alimentam de insetos, lagartos, cobras, roedores e aves. Consegui observar o macho trazendo comida aos filhotes por três vezes, e em todas elas, a presa foi uma ave. O macho capturava a presa e a



Filhotes no ninho

trazia nas garras. Pousava numa palmeira próximo da que estava localizado o ninho, depenava e destrinchava a presa utilizando o bico e só depois levava para a fêmea que passava para os filhotes.

No mês seguinte ao qual localizei o ninho, voltei ao mesmo local, mas as aves já o tinham deixado. Porém, observei três indivíduos nas cercanias do local do ninho. Acredito que pela plumagem (mais marrom que o adulto e com o peito bem manchado), dois pareciam ser os filhotes e um adulto. Infelizmente nessa segunda visita não consegui fotografá-los. ■



Adulto trazendo comida aos filhotes

Uma brasileira apaixonada pela fotografia de aves

É fato: as mulheres cada vez mais fazem parte do cenário da observação de aves no Brasil. Se no início eram poucas, hoje são protagonistas de várias atividades, como vimos na edição 5 da Revista Passarinando. Fotógrafas, escritoras, desenhistas, ou simplesmente passarinheiras, ocupam definitivamente seu lugar. Sem preocupar-se com estereótipos, a preocupação é apenas com um objetivo: conhecer o mundo através das aves.

Este mês conversamos com a paulista Cláudia Brasileiro, uma bancária de 39 anos que desde criança gostava de natureza e fotografia. Mas nada melhor do que a própria Claudia pra contar um pouco de sua vida de passarinheira!

1. Quando começou a observar aves? O gosto pela fotografia veio antes ou depois delas?

O amor pela fotografia vem desde criança, sempre gostei de natureza e mamíferos. Em outubro de 2011 viajei para a Patagônia, e lá me recomendaram a Laguna Nimez pois ficaria feliz com as aves locais. Então pela primeira vez soube que existiam “Observadores de aves” (ri pra caramba com isso) e que eu deveria procurar um COA na minha região. Foi aí que eu me tornei uma observadora de aves! Só quem não conhece pra não entender o quanto é legal nosso hobby!

2. Quando sai para observar aves, prefere em grupos ou sozinha? Quais as companhias preferidas?

Depende. Sou mais fotógrafa que observadora, então quando viajo com foco em um bicho, vou só, até para evitar que o foco seja desviado. Quando viajo em grupo prefiro sair com as pessoas que se interessam mais pela foto, ou que aceitam que temos um objetivo, mas que podemos nos divertir com tudo mais que aparecer.

3. Conte um pouco como é sua rotina durante uma passarinhada.



Claudia na lagoa dos peixes / RS

Agora tenho feito viagens com objetivo, daí é acordar cedo e ir atrás da ave dos sonhos da vez. Vivo realizando sonhos fotográficos. Sempre acompanhada de um guia, meu equipamento pesado e um banquinho que mora na mochila do tripé e é muito útil para os períodos de espera até a foto chegar.

4. Onde é seu ambiente favorito para fotografar? Parques urbanos, trilhas, praias... Qual é seu ambiente?

Confesso que meu ambiente é o carro... Adoro um “fat birding” e pouca caminhada. Mas de verdade? Meu ambiente favorito é onde a ave do momento está. Então já entrei na água com hidrohide, já fiquei várias vezes na beira de penhascos esperando as aves chegarem (e adorei!!), praias, torres, campos rupestres... Só não gosto muito de mata fechada, mas se o bicho do momento estiver nela, é nela que eu estarei. Sou versátil (menos com os bichos do momento, só gosto dos coloridos!)

5. Sua ave favorita:

Arara-azul-de-lear

6. Ave que ainda não fotografou, mas que um dia será fotografada:

Crejoá ou o anambé-de-peito-roxo, qualquer um satisfaz... E a ararajuba.





arara-azul-de-lear / *Anodorhynchus leari*

Nikon D810, Nikon Nikkor 500mm f/4 + TC 1.4x | f/7.1, 1/800, ISO 1000, 0EV, @700mm

7. Ave fotografada que mais te emocionou, e por quê.

Arara-azul-de-lear. Quando li a matéria que foi publicada na revista National Geographic de dezembro de 2013, eu nem conseguia ler de tanto chorar e poucos meses depois estava lá de frente para elas, em um dos lugares mais lindos do mundo, e com aquela vocalização que não sai da minha memória. Foi a realização de um sonho.

8. Para você, conquistar um lifer é...

Um bônus. Viajo atrás dos meus objetivos e mesmo sem fazer lista, acabo conhecendo várias aves que nunca esperaria conhecer, e gosto de todas, mas lembro só de algumas. Eu gosto de lifer, estaria mentindo se dissesse o contrário, mas gosto mais de sair com foto perfeita de uma ave que eu quero fotografar, do que com várias fotos

mais ou menos de aves que eu não lembrarei quais são.

9. Você faz listas de aves? Usa qual recurso ou site para guardar estas informações?

Não faço, pois sou muito desorganizada, mas para as aves do Brasil acompanho em uma planilha, até porque tanta gente pergunta “quantas espécies você tem?” Eu fiquei muito tempo sem dar resposta, daí por curiosidade e para me adequar, decidi descobrir a quantidade. Para as aves de fora do Brasil eu já tentei o site IBC e agora uso o eBird, mas tenho só 25 aves por lá... Marco a espécie na medida em que trato as fotos. Da lista antiga do CBRO, tenho aproximadamente 865 espécies. De aves exóticas eu não sei mesmo... Mas certeza que já passei de 1000 do mundo.





beija-flor-de-garganta-verde / *Amazilia fimbriata*

Nikon D810, Nikon Nikkor 300mm f/4 | f/4, 1/800, ISO 1600, 0EV, @300mm

10. Aquela pergunta chavão de sempre: já teve dificuldades por ser mulher em alguma situação em campo? Pode contar?

Sempre falo que “sô ômi, pô!!”. Mas sempre ocorre uma proteção. Não me acho diferente nem me sinto prejudicada. Carrego o mesmo peso ou mais que muitos amigos com quem viajo, e ainda não fui discriminada pelos meus colegas. Dificuldades, só as de sempre, como por exemplo os homens saírem correndo na frente e eu ficar para trás, até por não ter a mesma condição física que eles. Às vezes peço ajuda e sempre alguém volta, às vezes eu decido ficar para trás mesmo.

11. Você tem algum objetivo específico dentro do mundo da observação de aves?

Objetivo entre as aves são os “periquitídeos”, “marrequídeos”, beija-flores. Amo os “colorídeos”! Outro objetivo é fazer um livro com fotos de aves coloridas para alegrar as casas das pessoas.

12. Quando não está observando aves você está...

Tratando fotos e planejando mais viagens!! Viajo tanto que não tenho tempo de tratar as fotos, ver o resultado das viagens.

13. Como você concilia vida de observadora com o dia-a-dia?

Fácil! Não o faço! Rsrs. Mas eu sei quando posso e quando não posso me ausentar do trabalho. Tenho cinco abonos por ano e os utilizo da melhor maneira possível. Em casa meu filho reclama um pouco quando estou

viajando, mas meu marido me apoia, ele entende que é um trabalho que faço e que um dia colherei os frutos, então cuida do nosso filho enquanto viajo. Se eu não tivesse esse apoio, não conseguiria, ele é o grande responsável por tudo, desde a minha formação como fotógrafa, me ensinando, até como background. Vida doméstica vivemos durante a semana e nos finais de semana, seja em casa ou viajando juntos.

14. No dia a dia, como as pessoas te identificam como observadora de aves? Usa brincos, camisetas, bolsas com motivos de passarinho? A decoração de sua casa te entrega?

Acabei de ganhar um colar de coruja que eu adorei! E nas paredes de casa têm fotos de aves e de mamíferos, mas o que me entrega são as fotos que posto no Facebook mesmo.

15. Para as observadoras que estão começando agora, qual a dica?

Vixe... Cada um tem que primeiro descobrir o que quer e o que a faz feliz. Tem gente que gosta de lifer, outros gostam de ficar parado um dia inteiro em função do

mesmo bicho. Todos gostam de boas fotos, e a pessoa tem que ficar feliz com as fotos que faz, sem ficar comparando com as de outros fotógrafos. Se a deixa feliz, seja feliz! E vá melhorando o seu padrão na medida em que achar necessário e se achar necessário. Tem que se informar, contratar guia para otimizar tempo (se este for um dos seus obstáculos, como é para mim). Fazer amigos, comemorar com os amigos e o mais importante: não deixe nada estragar sua viagem. Mesmo que a ave que você planejou toda a viagem não apareça, mesmo que não consiga nenhum lifer, que chova... O importante é o que agrega, é conhecer novos lugares, conhecer esse país lindo que temos e que precisamos preservar para as novas gerações. Acho que o que me emociona mais nas araras-azuis-de-lear é o fato de que elas foram descobertas quando eu era criança, e o futuro não era promissor... E agora estão lá, eu vi, meu filho pode ver, meus netos... Tudo graças a um trabalho lindo de muitas pessoas envolvidas.

16. Algo mais que gostaria de compartilhar?

Apreciem. Ao viajar, observem o tamanho das matas, das montanhas, das pedras. Sentem-se e contemplem a natureza. Respirem o ar das matas. Percebam que às vezes venta diferente, o que o povo chama de “vento noroeste”. Olhem a Via Láctea, conheçam os biomas brasileiros. Se der, conheça outros países, outras aves, outros mundos. Mas o mais importante: seja feliz do seu jeito. Não aceite um “certo” ou “errado” na observação. Se você não prejudicar ninguém e nem as aves, o seu jeito é o certo. Cada um tem o seu, e somos todos felizes. ■



tufted puffin / *Fratercula cirrhata*

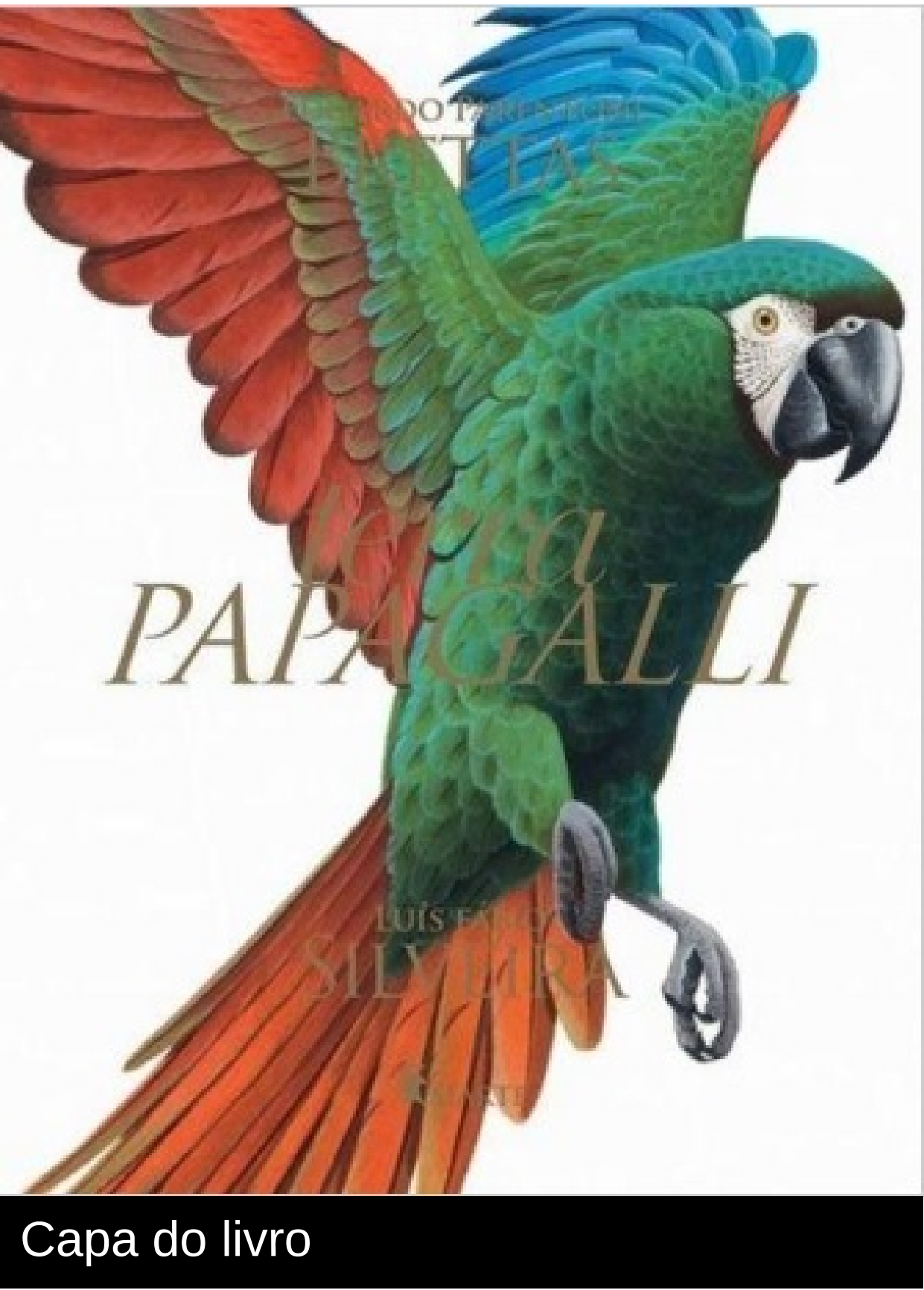
Nikon D800, Nikon Nikkor 300mm f/4 | f/9, 1/1250, ISO 800, 0EV, @300mm





arrabio / *Anas acuta*

Nikon D810, Nikon Nikkor 500mm f/4 + TC 1.4x | f/6.3, 1/2000, ISO 800, 0EV, @700mm



Capa do livro

Que “livrão” ! Uma “pintura” ! “Terra Papagalli” é, em ambos os sentidos - literal e figurado - tudo isso ! Um “livrão” pois, além das grandes dimensões, é uma verdadeira obra prima. Uma “pintura” pois, além de expor uma série de ilustrações, é uma belíssima obra de arte.

O livro, recém lançado, é o resultado do trabalho de duas pessoas que são referências no que fazem. Luís Fábio Silveira, Doutor em Zoologia pela Universidade de São Paulo (USP) e curador da maior coleção de aves brasileiras do mundo, pertencente ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) e Eduardo Parentoni Brettas, ilustrador naturalista e de aves brasileiras, cujas obras são encomendadas por centros de estudos ornitológicos, museus, galerias de arte e colecionadores ao redor do mundo.

Essa obra reúne, de maneira inédita, as 91 espécies de psitacídeos brasileiros. Não há como resistir ao encanto dessas criaturas – suas cores, sua vibração e sua alegria. A obra, bilíngue (inglês e português), reúne um belo texto introdutório e imagens referentes à inseparável ligação dessas aves com o Brasil, chamado de terra papagalli pelos descobridores devido ao grande número de araras, papagaios, periquitos e afins presentes em nossas terras. O livro também apresenta textos e fotos descrevendo todas as características dessas aves.

O livro prossegue com telas contendo ilustrações e textos detalhados referentes à cada uma das 91 espécies brasileiras, tais como alimentação, reprodução, tamanho,

distribuição e demais informações relevantes. Os índices (remissivo e sistemático) ao final do livro são muito

bem organizados e apresentam os nomes populares (em inglês e português) e científico, os gêneros e a categoria de ameaça segundo a IUCN 2015 (Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais) de cada espécie.

Essa obra é um item obrigatório na coleção de qualquer pessoa que admire arte e natureza brasileira, especialmente os psitacídeos – as mais alegres das aves!

Informações:

TÍTULO: Terra Papagalli
AUTORES: Eduardo Parentoni Brettas e Luís Fábio Silveira
EDITORA: M’arte Edições
IDIOMA: Português / Inglês
ISBN: 978-85-619319827-00-9
FORMATO: 27,5 cm x 34 cm
PÁGINAS: 376
WEBSITE: <http://seapunk.com.br/mais/editora-marte-edicoes>



Tucanos e Araçaris Neotropicais



Tucano-da-montanha-de-capuz

Andigena cucullata (Gould, 1846)

Nomes Populares

Inglês: Hooded Mountain Toucan

Espanhol: Tucán Encapuchado, Tucán Morado de Pico Verde

Outros Nomes: Araçari-de-capuz

Subespécies e Hibridização

Monotípico

Status de Conservação

IUCN 2013: Pouco preocupante

Habitat

Vive nas florestas úmidas das montanhas dos Andes, em altitudes que variam entre 2.400 e 3.300 m. Contudo, pode ocorrer até 2.000 m de altitude, com distribuição superior a de *Aulacorhynchus coeruleicinctis*.

Dimorfismo Sexual

O bico das fêmeas é mais curto que o dos machos, que têm maior tamanho corpóreo.

Comportamento

Forrageiam nas copas das árvores tanto sozinhos como em grupos de 4 a 10 indivíduos. Podem buscar alimento no sub-bosque.

Vocalização

A vocalização se assemelha com as das outras espécies do gênero, sendo o seu repertório composto por longos e altos "tick...tick...tick", "tk", e sequências "peeeen".

Hábitos Alimentares

Espécie frugívora, complementa sua dieta com insetos e outros pequenos animais.

Comportamento Reprodutivo

A estação reprodutiva, de acordo com a literatura, ocorre de fevereiro a junho.



Descrição e Distribuição Geográfica

O comprimento varia de 48 a 50 cm e, seu peso oscila de 222 a 380g. O bico é de cor amarelo-limão, com a extremidade negra e, ainda, há uma mancha escura perto da base da mandíbula. Os olhos são escuros e, a região periorbitária, é azul-clara. A cor negra da cabeça, garganta e nuca, contrastam com o colar azul claro da nuca. Também o abdômen e o peito são de cor azul-clara, enquanto o marrom recobre o dorso da ave. Nas outras espécies desse gênero, a região inferior é amarela, mas *A. cucullata*, se distingue por apresentar o verde claro. As asas são de cor verde-oliva, e os calções castanhos. As penas supracaudais apresentam-se em verde-escuro enquanto as infracaudais são vermelhas. Uma característica distintiva dessa espécie, em relação a outras do mesmo gênero é a cauda escura, sem as pontas das penas castanhas. A região ventral é acinzentada e as cores são mais opacas. O bico é escuro com o culmen negro. A plumagem dos jovens tem o aspecto mais solto e macio. Essa espécie distribui-se pelos Andes, sudeste do Peru, oeste e centro da Bolívia.

O livro “Tucanos e Araçaris Neotropicais”, recém lançado, é um guia ilustrado sobre essas notáveis aves que habitam a região neotropical do globo. Suas plumagens coloridas e bicos enormes as tornam inconfundíveis.

O guia é o resultado do trabalho de Frederick Pallinger e Mariana Aprile. Frederick é ilustrador profissional e publicitário com experiência na identificação de aves de rapina. Já foi colaborador de revistas como a AECOA, Ararajuba e Peregrine Fund. Também colaborou com sua arte para a Neotropical Raptors Network, BioAndina e PCRAR. Mariana é bióloga e especialista em comportamento animal, educação ambiental e divulgação científica. É autora de diversos artigos para Uol Educação (Biologia e Ciências).

O livro cobre toda a família Ramphastidae, dos tucanos e araçaris, que habitam a região desde o Sul do México até o Norte da Argentina, abrangendo as 50 espécies dos gêneros *Aulacorhynchus*, *Selenidera*, *Andigena*, *Pteroglossus* e *Ramphastos*.

Ao decorrer do livro, o leitor é presenteado por

descrições de cada um dos gêneros e de suas respectivas espécies, contendo informações como nome popular, em inglês e espanhol, status de conservação, habitat, dimorfismo sexual, comportamento, vocalização, hábitos alimentares, comportamento reprodutivo e descrição, além de mapas contendo a distribuição geográfica e sensacionais ilustrações científicas, que mais parecem fotos reais do que ilustrações.

Esse incrível guia ilustrado é mais uma obra que tem por objetivo juntar arte e ciência para gerar conhecimento usado na preservação das espécies.

Informações:

TÍTULO: Tucanos e Araçaris Neotropicais

AUTORES: Frederick Pallinger e Mariana Aprile

IDIOMA: Português

ISBN: 978-85-619319827-00-9

FORMATO: 17 cm x 25 cm

PÁGINAS: 128

WEBSITE:

<http://fredypallinger.com.br/livro-tucanos-e-aracaris-neotropicais/>


Um certo dia eu estava na Serrinha do Alambari fotografando uma saíra-viúva (*Pipraeidea melanonota*). Eu estava dentro do carro e consegui atrair a ave com uma caixinha bluetooth para uma pequena arvore próxima.

Notei que a saíra fazia pequenos movimentos laterais, e segui fotografando a ave. Fiz muitas imagens, já que ela estava colaborando, curiosa com o playback.

Acho essa saíra muito bonita, e queria melhorar minhas fotos dela. Aquela parecia ser uma ótima oportunidade para isso.

Não me lembro se foi proposital ou não, mas as fotos acabaram saindo com velocidade 1/1600 s. Eu fotografo quase sempre em prioridade de abertura, então essa velocidade alta deve ter sido um acontecimento accidental, e não fruto de meu planejamento.

O resultado, no entanto, me deixou surpreso. Percebi pelas fotografias que quando a ave fazia seus movimentos rápidos ela estava na verdade abrindo a cauda, ou as asas, ou ambas! Tudo isso foi captado pela câmera, ou pelas câmeras, pois usei a D800 e a D4.

Achei aquilo muito interessante e resolvi experimentar com outras aves que me dessem uma boa chance.

Tentei com a saíra-douradinha, mas não consegui nada nesse sentido. Não sei se foi coincidência ou se ela não faz os mesmos movimentos da saíra-viúva. Quem acabou colaborando foi um curió (*Sporophila angolensis*), e com ele, agindo dessa vez de forma consciente, consegui registros semelhantes aos que havia obtido com a ajuda da sorte e do acaso anteriormente com a saíra-viúva. Com velocidade 1/2000 ISO 2500 e abertura 5, a câmera captou ele abrindo a cauda e as asas, no que aos meus olhos parecia apenas um pequeno movimento fortuito do pássaro!

Velocidades em torno de 1/1000 s também podem

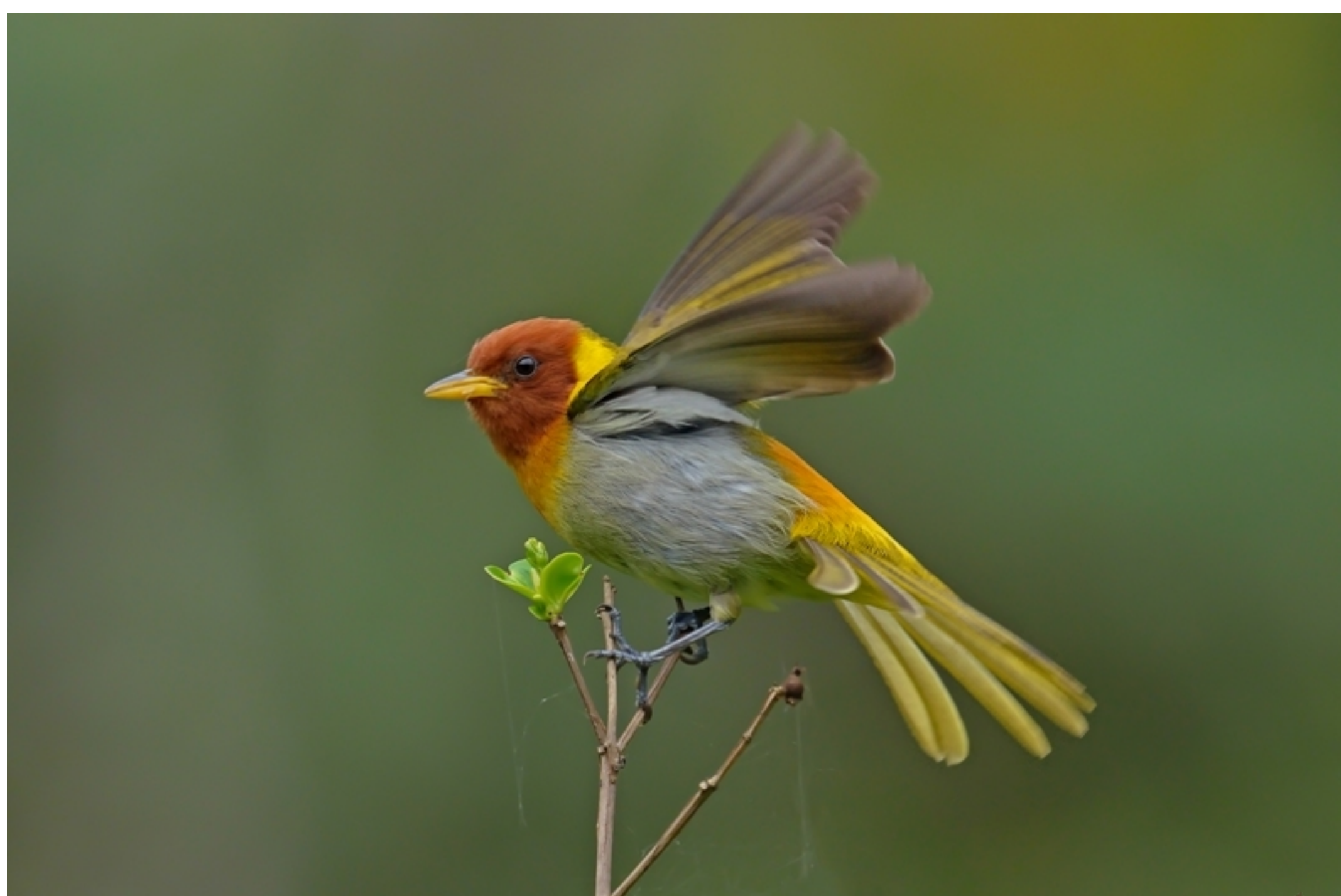


curió / *Sporophila angolensis*

Nikon D4, Nokkor 500mm f/4 | f/5, 1/2000, ISO 2500, @500mm, -1.0EV

captar esses movimentos imperceptíveis em todos os seus detalhes a nossos olhos. Como a velocidade é um pouco menor o congelamento da imagem pode não ser tão preciso. Ilustro isso com a foto da Saíra-ferrugem (*Hemithraupis ruficapilla*).

Enfim, fica aí a dica, para quem quer tentar uma foto diferente. Eu penso em continuar tentando, com outras espécies, sempre que tiver chance. ■



saíra-ferrugem / *Hemithraupis ruficapilla*

Nikon D800, Nikor 500mm f/4 | f/5.6, 1/1000, ISO 1000, @500mm, -1.0EV





saíra-viúva / *Pipraeidea melanonota*

Nikon D4, Nikkor 500mm f/4 | f/5.6, 1/1600, ISO 1000, @500mm, -0.7EV



Sabe aquele livro lindo de fotos de aves/natureza de um fotógrafo famoso que você viu na casa do amigo e ficou louco ao folheá-lo? Sim, você pode imediatamente comprar um igual na livraria ou internet e colocá-lo na sua sala. Mas já pensou em ter seu próprio livro na mesa de centro e seus amigos babando pelas suas imagens? Já pensou em presentear as pessoas queridas com um livro seu? O que fazer com tantas fotos de aves além de postar nas redes sociais? Já pensou em imprimi-las em forma de livro? Calendários? Fotopresentes?

Sem dúvida, é muito mais prazeroso olhar fotos impressas do que em uma tela. Apesar do mundo estar quase que totalmente online hoje em dia, adoramos folhear um livro, “sentir” cada página, apreciar cada imagem saltando diante de nossos olhos, quase tridimensionais, poder tocá-las enquanto soltamos um longo suspiro. É mágico. É como se o online fosse passageiro e o papel algo perene, eterno. Não consigo explicar esse sentimento, nem o porque acontece isso, mas é assim que eu percebo.

Bom, vamos lá, eu tenho um acervo de imagens digitais, se já não passou, está perto de meio milhão. Lógico que só umas 20% são boas, e dessas, nem a metade merece ser capa de livro.

Sim, vamos falar de livros, mais especificamente de fotolivros. Eu descobri isso em 2008, quando trabalhava com automobilismo. Fiz alguns trabalhos voltados exclusivamente para pilotos. Utilizava o Fotozine, da Gráfica Uniko. É uma revista, cuja proposta de marketing do piloto era inserida junto com algumas fotos bem chamativas. O piloto ou sua assessoria entregava a empresas em busca de patrocínio. Nunca pensei em fazer livros porque eu os achava muito caros à época.

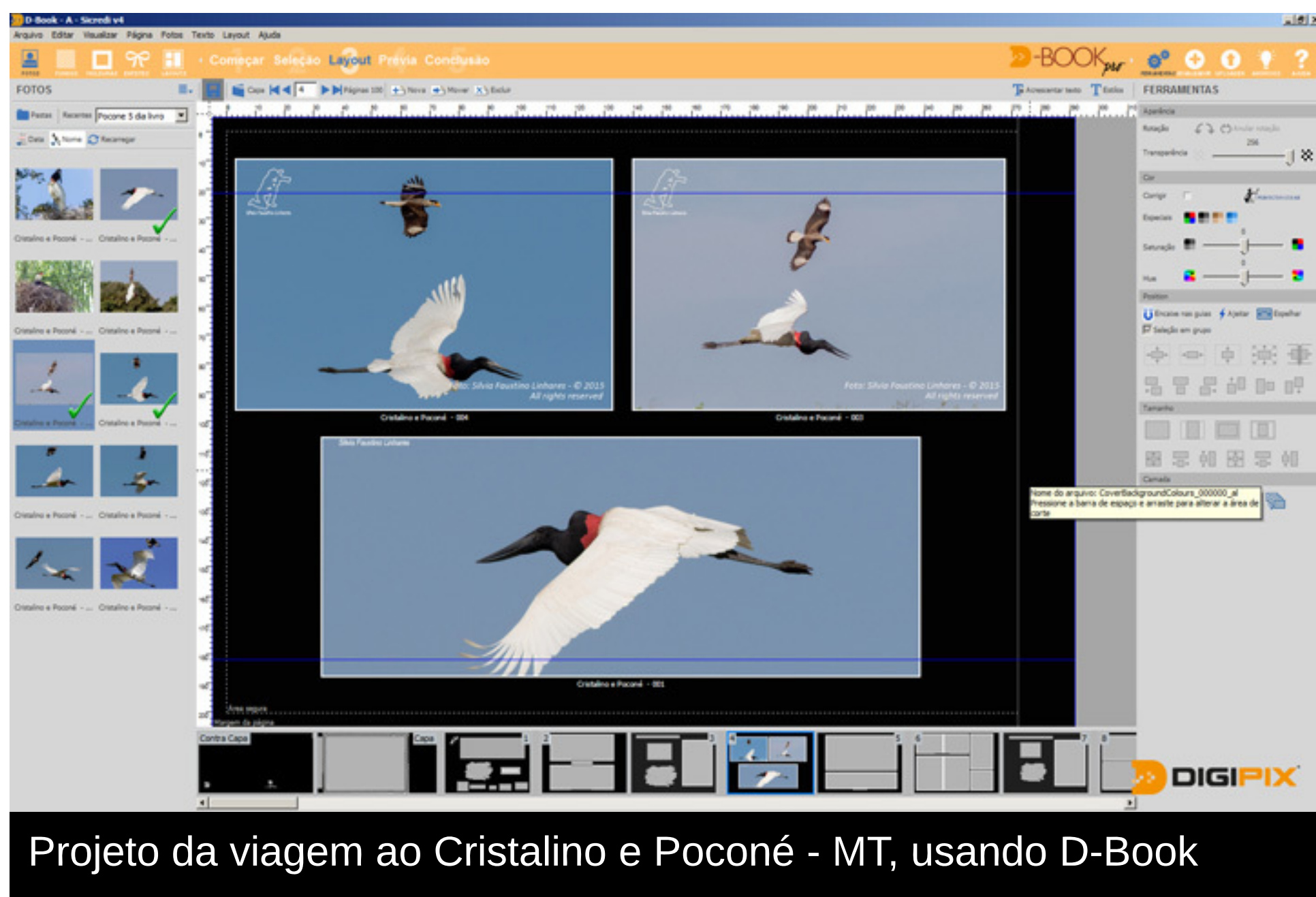
Um dia descobri a Digipix. Isso foi em janeiro de 2010. E eles tinham muitos produtos disponíveis, inclusive uma linha para profissional mais barata e outra para portfólio. Eu me encantei com a possibilidade de fazer um fotolivre exclusivo para mim. Eu tinha amigos fotógrafos no Digiforum que faziam isso, porém mandavam para o



exterior e era a maior dor de cabeça. Pensei: vou experimentar. Consegui aprovação do meu cadastro para o Digipix Direto (Pro) e fiz meu primeiro fotolivre. Pasmem: eu podia fazer uma única unidade ou quantas eu quisesse. Eu amei diagramar o livro. Fiz o meu primeiro com passarinhos clicados em Ubatuba e depois descrevi uma viagem à Patagônia. Aproveitei os descontos de final do ano, pois muitas vezes o custo cai pela metade do preço. Fiz vários livros para mim e ainda muitos para presente. Fiz alguns ensaios que resultaram em belos fotolivros para os respectivos modelos. Ainda no automobilismo fiz muitos sob encomenda para pilotos ou empresas patrocinadoras.

Como observadora de aves, passei a viajar mais e produzir muito mais fotos. Com isso o tempo começou a escassear. O mais difícil não é diagramar o fotolivre, e sim, separar as melhores fotos, tratar e decidir quais serão utilizadas. Tem que pensar qual o enfoque que pretende dar ao livro e qual texto pretende inserir. Fazer um livro é um projeto, tem que ter começo, meio e fim. Tudo isso para que o livro se torne algo mais do que um mero álbum de fotos.

Existem na internet diversas opções para impressão de fotolivros. Eu me limitei a essas duas, pois são as que já experimentei. E não ganho um centavo para falar delas (bom que os leitores saibam disso). A Digipix tem sede em Osasco/SP e o Uniko em São Paulo/Capital.



Projeto da viagem ao Cristalino e Poconé - MT, usando D-Book



Fotolivro beija-flores, criado com o software Uniko

A Digipix (<http://www.digipix.com.br>)

O que eu gosto na Digipix é a variedade de produtos e as diversas possibilidades de impressão, como escolha do modelo, tipo de papel, gramatura, capa, tamanho e estojo. Existem duas opções para fazer o seu Fotolivro com a Digipix, uma online e a outra utilizando o software D-Book, que trabalha off-line.

Uso o D.Book, software simples de usar, com muitas opções para deixar a criatividade viajar solta. Gosto muito dos fotopresentes e fotosdecoração que o site oferece. Só um problema, devido ao preço, só utilizo quando quero algo bem profissional ou quando eles dão um bom desconto.

O envio para a produção é simples e o produto finalizado é enviado em prazo razoável. Nunca tive problemas no pós venda com eles. Periodicamente uma funcionária da empresa envia um e-mail bem personalíssimo, dizendo atender minha conta, fala que tem sentido minha falta, explica as promoções e de forma bem pessoal termina com um “Qualquer dúvida, fale comigo. Será um prazer atender você! Um abraço, Fulana de Tal”, diferente da news letter da empresa que transmite informações frias apenas.

O Uniko (<http://www.uniko.com.br>)

A outra opção que uso é o Uniko. Também é um serviço web self-service, onde você mesmo monta seus produtos. Conta também com duas modalidades de montagem: totalmente web ou via software Desktop. O software Uniko Desktop é bem simples. Seus recursos são reduzidos e é

pouco versátil (se você deleta algo, não tem comando voltar, tem que refazer mesmo). Mas usando a imaginação dá para fazer umas coisas bem legais. As opções de impressão também são bem reduzidas, no entanto a empresa costuma oferecer bons descontos. Também gosto das opções de fotopresentes que eles tem à disposição. Os produtos não são baratos, mas se você pesquisar nos sites de compras coletivas (Groupon / Peixe Urbano) encontra ótimas promoções, até com frete grátis (leia atentamente as regras de cada um e observe os prazos dos vouchers). A impressão deles é feita em papel couché 170g/m². É brilhante e bem vistoso. Impressiona. Tem que cuidar muito das bordas de segurança na hora de diagramar, mesmo o software te impondo os limites, a impressão extrapola em alguns casos e corta pedaços de algumas fotos onde não deveria. Eu recomendo cautela, caso seja encomenda de cliente. Recentemente percebi que um dos meus livros feito com eles, veio faltando duas páginas, informei, comprovei o erro e expliquei que no projeto original, salvo aqui no meu PC, está tudo correto. Eles pediram desculpas pelos transtornos gerados e vão reimprimir e reenviar. O prazo entre o envio do produto à gráfica e entrega é um pouco longo, chega a passar de uma semana.

Estou satisfeita com as duas empresas, eu recomendo experimentar as duas e decidir qual atende suas preferências ou necessidades. Elas tem a mesma proposta, mas tem suas peculiaridades. O resto é com sua imaginação.



Alguns dos fotolivros que foram produzidos ao longo de 2015, na plataforma Uniko

20 Dicas para alcançar um produto bonito e que faça o apreciador da sua obra de arte dizer um “UAU!” a cada página:

1. Organize-se o melhor que puder, abra espaço na sua mesa de trabalho, mesa bagunçada gera falta de concentração e impaciência.
2. Esqueça a ansiedade e a vontade quase irresistível de verificar o Facebook, o Instagram, o Twitter, o whatsapp a todo instante.
3. Não perca o foco, coloque seu celular no silencioso e resista a tentação de checar e-mails e as redes a cada cinco minutos. (Essa é a minha maior dificuldade).
4. Antes de iniciar o projeto, passe numa livraria e folheie livros sobre fotos, memorize as diagramações, tamanho e o tipo que mais lhe agrada e aplique no seu trabalho.
5. Escolha o enfoque que pretende dar ao livro para nortear seu trabalho. (Por exemplo, meu próximo projeto é exibir 50 tons de verde, mostrando tons e formatos de

folhas diferentes, também já fiz um só de corujas e outro só de beija-flores). Se for uma viagem, pesquise sobre o lugar e inclua mapas, textos explicativos. Não esqueça de citar as fontes de referência. Abuse da imaginação.

6. Selecione as fotos e coloque-as numa pasta separada. Quanto melhor a resolução melhor a impressão. (Eu fotografo em formato raw e uso softwares da Adobe para tratar e exportar em resolução máxima no formato jpg).
7. Procure uma imagem de impacto para a capa e uma para a primeira página.
8. Fuja dos temas de diagramação prontos. Use e abuse da sua criatividade, escolha temas livres para iniciar.
9. Evite excessos de imagens em uma página. Encher uma única página com muitas fotos distraem o observador da foto principal que quer dar destaque.
10. Evite excesso de imagens semelhantes. (Eu vejo o processo de seleção como o mais difícil de todos).



11. Evite páginas cheias de rococós, fontes, stickers e molduras rebuscadas. Podem ser atraentes num primeiro instante, no entanto, tornam-se cansativas e ultrapassadas com o tempo.

12. Procure usar fundos neutros (uso preto ou branco). Os fundos muito coloridos ou texturizados, cansam a visão e roubam a atenção do principal que é a foto.

13. No caso de aves gosto de usar legenda com o nome popular, científico e o local onde a ave foi clicada. São perguntas inevitáveis que o observador vai fazer quando for apreciar seu fotolivro. A não ser que a sua paciência seja inesgotável para ficar respondendo: “que passarinho é esse? Onde você fotografou ele?”

14. Salve seu trabalho o tempo todo, pois um travamento e você tem que começar do zero.

15. Observe a quantidade de páginas disponíveis no custo inicial, páginas extras elevam o valor.

16. Procure sempre seguir as margens de segurança na

hora de diagramar, todo cuidado é pouco.

17. Peça a alguém para revisar o seu trabalho antes do envio, pois o cansaço muitas vezes nos prega peças.

18. Confira o produto recebido com seu projeto original.

19. Faça calendários no final do ano e presenteie os seus amigos, eles vão adorar.

20. Por fim: Divirta-se! Dê asas à sua imaginação. ■



Uma jovem águia-pescadora em sua primeira migração.

A primeira migração de uma águia-pescadora é uma verdadeira aventura, ela não sabe o caminho que deve seguir e nem onde será seu destino final, possuindo também a difícil missão de escolher uma região segura e farta de peixes para invernar e retornar nos demais anos.

O projeto “Rutland Ospreys” monitora, através de radio telemetria, os movimentos migratórios de diversas águias-pescadoras (*Pandion haliaetus*) pelo mundo. Através dos dados disponíveis no site do projeto, venho acompanhando a trajetória de Belle, uma águia-pescadora fêmea.

Em maio de 2010, em Martha’s Vineyard, uma pequena ilha na costa leste dos Estados Unidos, nasceu Belle. A jovem águia permaneceu por aproximadamente três meses sob cuidados dos pais, período na qual aprendeu a caçar e voar. Em Julho de 2010, Belle já se virava sozinha, não contando mais com a ajuda dos pais, mas sempre caçando e voando pelos arredores, raramente se distanciando 40 km da área de onde nasceu.

Em setembro, quando a maioria das águias-pescadoras (incluindo as jovens) de sua região começaram a migrar

para a América do Sul, Belle continuou em Martha’s Vineyard, parecendo resistir a sua primeira migração. Mas o instinto selvagem é muito forte, Belle tem em sua cabeça uma espécie de “bússola programada” que diz que tem em algum momento precisa seguir para o sul. Então, no dia 16 de outubro, durante uma forte tempestade na região, Belle finalmente iniciou sua primeira jornada para a América do Sul, voando sentido Oceano Atlântico (Figura 1).

A jovem fêmea usou as correntes de ar ascendentes para ganhar altura e se deslocar em voo, planando por longas distâncias sobre o Oceano Atlântico. Voar sobre o oceano é arriscado para uma jovem águia, só jovens usam essa rota, pois não sabem que há um caminho mais seguro por terra, porém mais longo.

Assim, Belle voou por dois dias sobre o oceano, totalizando quase 50h de voo consecutivo. Somente no dia 18/10, por volta das 10:00h, encontrou terra atingindo as Ilhas do Caribe, por onde parou e descansou. No dia seguinte, incansável, Belle cruzou em poucas horas o Haiti até atingir no extremo sul da ilha caribenha.

No dia seguinte (20/10), em seu 5º dia de migração, Belle saiu das ilhas caribenhas e cruzou outra faixa oceânica, voando por mais de 40 h consecutivas até chegar ao norte

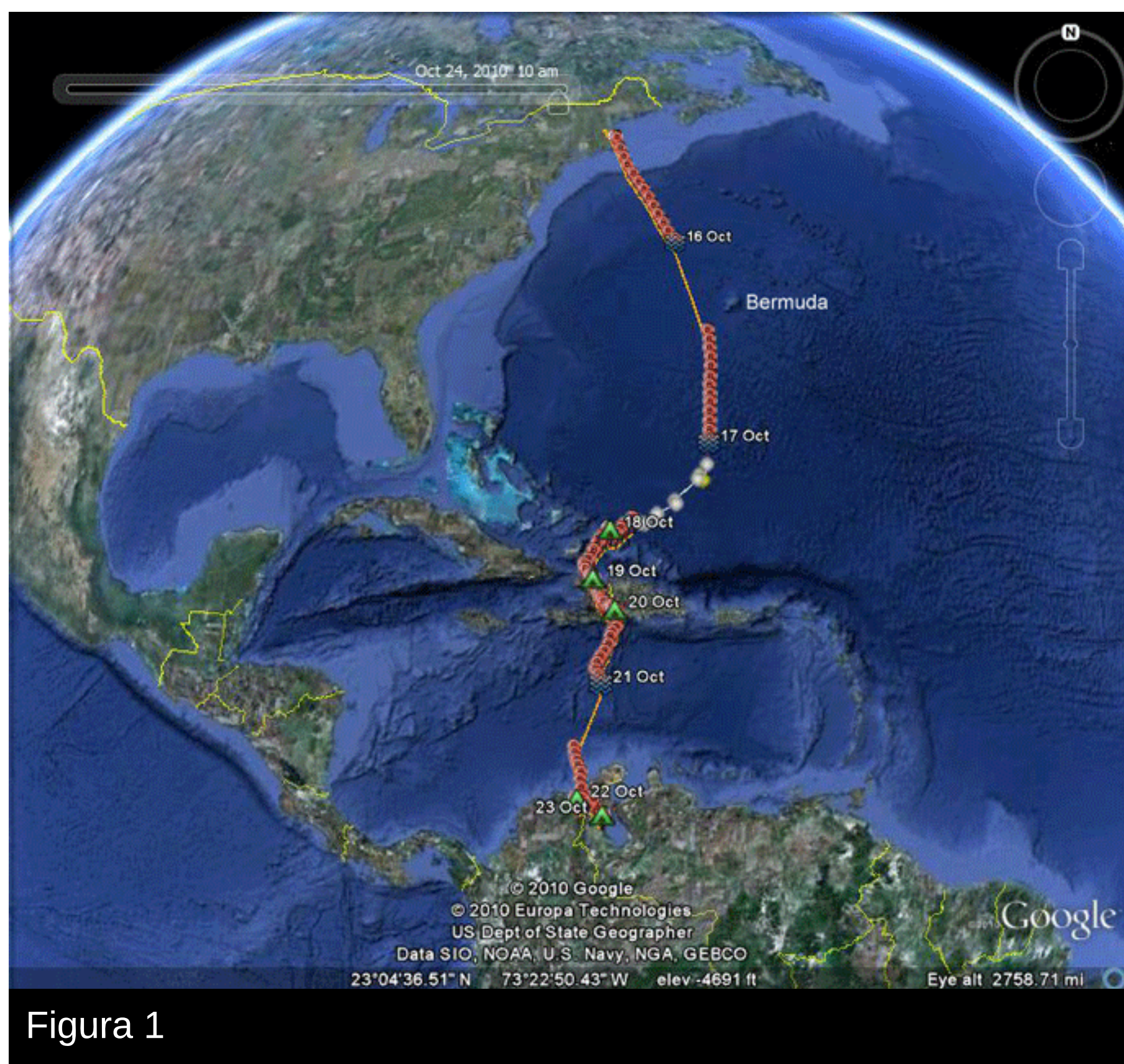


Figura 1

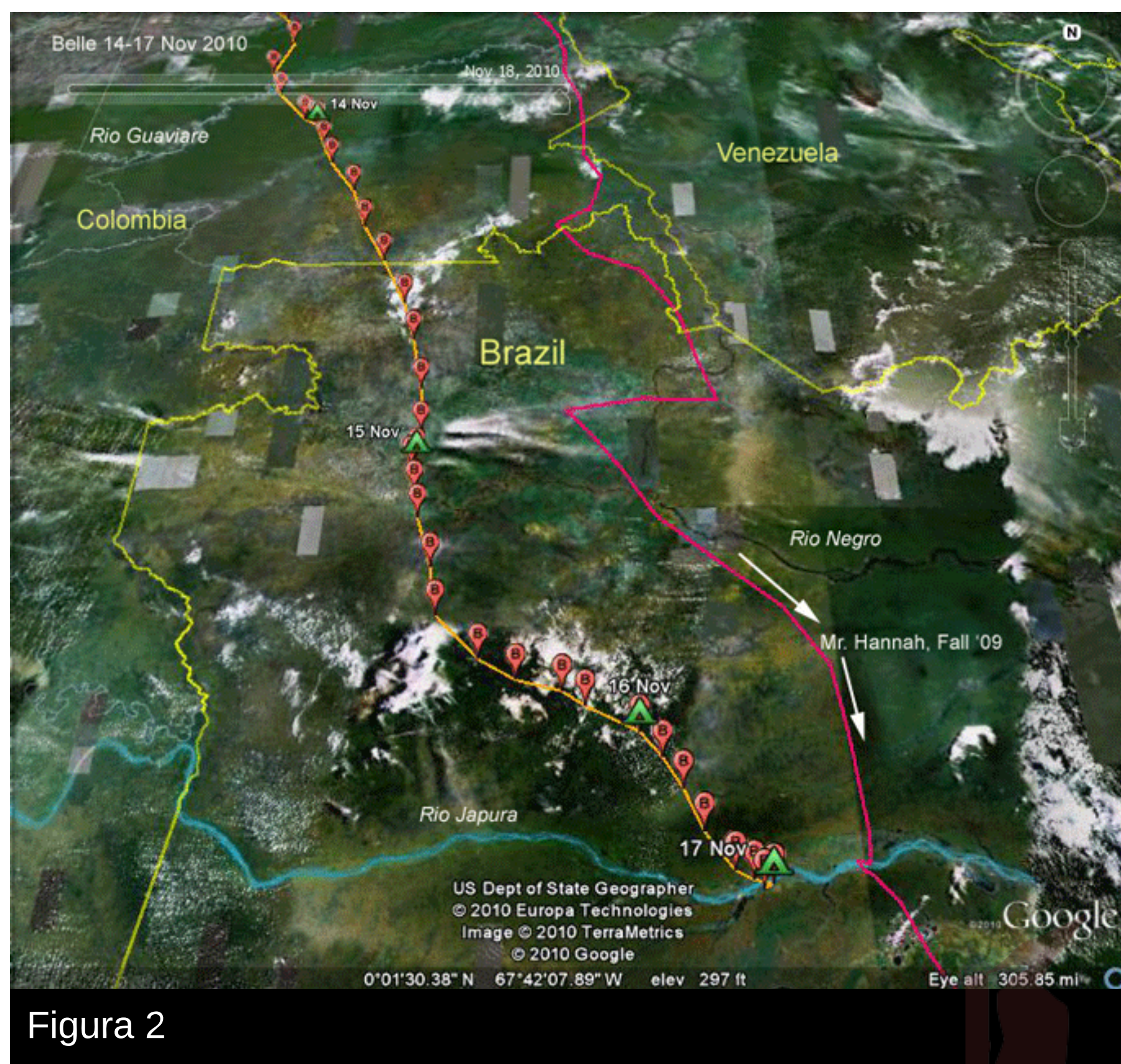


Figura 2

da América do Sul, na região de Valledupar, Colômbia. No dia 23/10 a ave seguiu sua viagem continente adentro e encontrou um maravilhoso lago no noroeste da Venezuela, onde permaneceu por quase 20 dias usufruindo da farta oferta de peixes da região.

Aparentemente parecia que Belle iria se estabelecer nesse lago venezuelano, mas após sua estadia de 20 dias, continuou seu voo em direção ao sul. Belle então cruzou a imensidão verde da floresta amazônica, e no dia 15/11 entrou pela primeira vez em território Brasileiro, na altura do noroeste do Amazonas (Figura 2). Em apenas quatro dias, voando sobre fascinantes paisagens amazônicas, se deslocou por cerca de 1.000 km até atingir o rio Japurá, ao norte do rio Amazonas. Nos dias seguintes, a jovem fêmea continuou seguindo viagem para o sul, até que no dia 19/11 encontrou um lago próximo do rio Jutai, a poucos km do famoso rio Solimões. Permaneceu neste lago por 17 dias e continuou a saga em direção ao sul.

No dia 1 de janeiro de 2011 parou no reservatório Samuel, em Rondônia, onde ficou até o 10/01. Desde que saiu de sua área natal, Belle já tinha voado aproximadamente 6.878 km, com deslocamento médio de 275 km/dia (Figura 3). Após ficar pulando de área em área pela região de Rondônia, se instalou em um pequeno afluente do rio

Madeira, onde permaneceu até abril de 2012 (Figura 4).

Em 13 de abril, após 18 meses na região, iniciou a volta para o hemisfério norte, usando rota parecida, porém, mais curta. E depois de quase oito semanas, no dia 6 de junho, finalmente chegou a sua terra natal.

Nas migrações seguintes, mais experiente, evitou os longos trajetos sob o oceano, fazendo o percurso preferencialmente pelo continente, cruzando as pequenas faixas oceânicas, passando pelo Golfo do México e atravessando as ilhas da costa leste da América Central até chegar no norte da América do Sul. Durante suas migrações, voou em média 300 km por dia, a velocidades que variavam de 50 a 70 km/h.

Belle é um indivíduo bem típico, em sua primeira migração realizou diversas incursões pela região amazônica até decidir definitivamente sua área de invernagem. Também fiel à área de invernagem, retornou nos anos seguintes para a mesma região do Brasil, um pequeno afluente ao sul do rio Madeira.

Quer saber onde está Belle agora? Baixe o aplicativo Animal Tracker para seu celular (Android e iOS) e acompanhe os movimentos migratórios de Belle e de várias outras aves nas Américas. ■

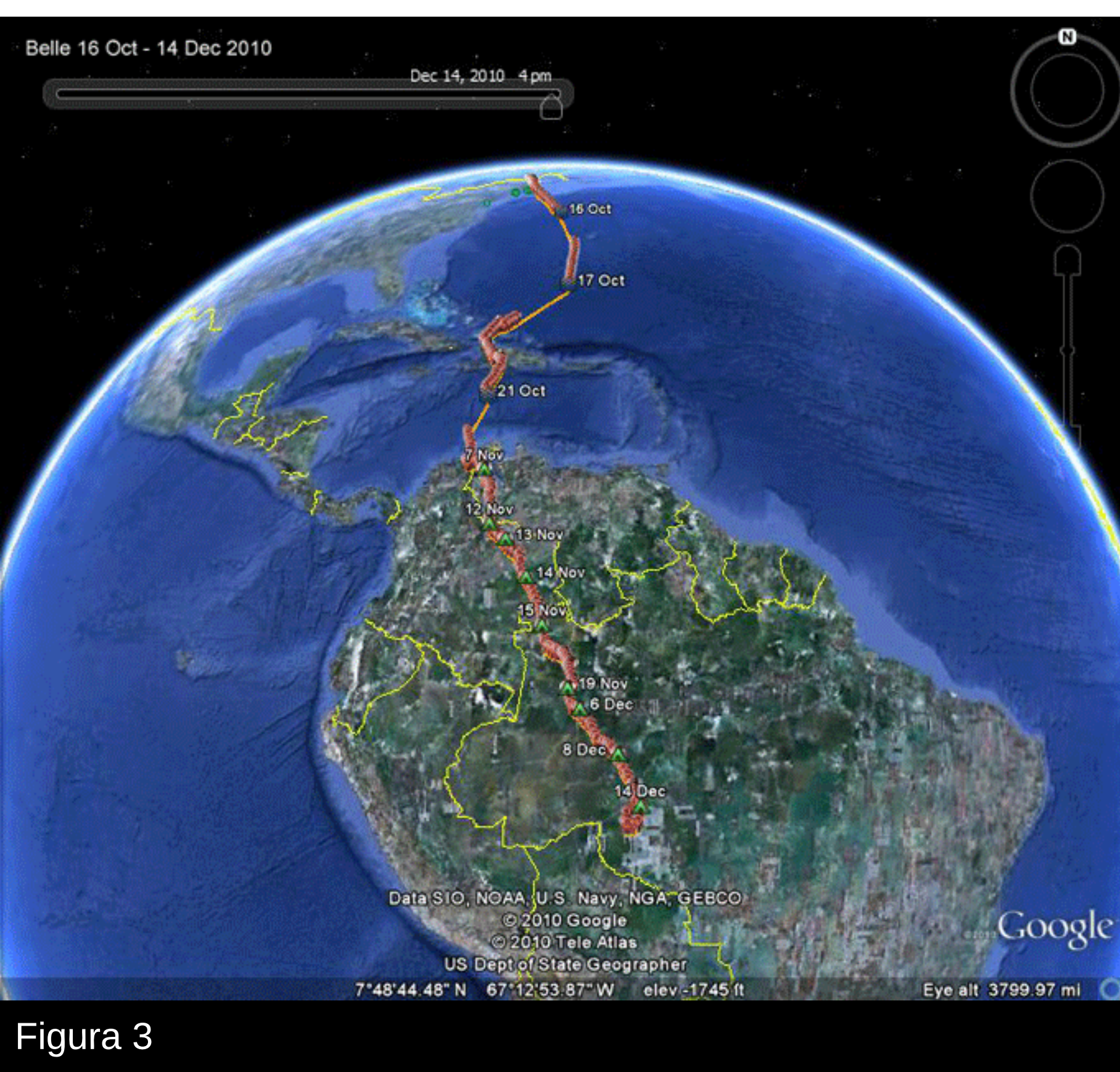


Figura 3

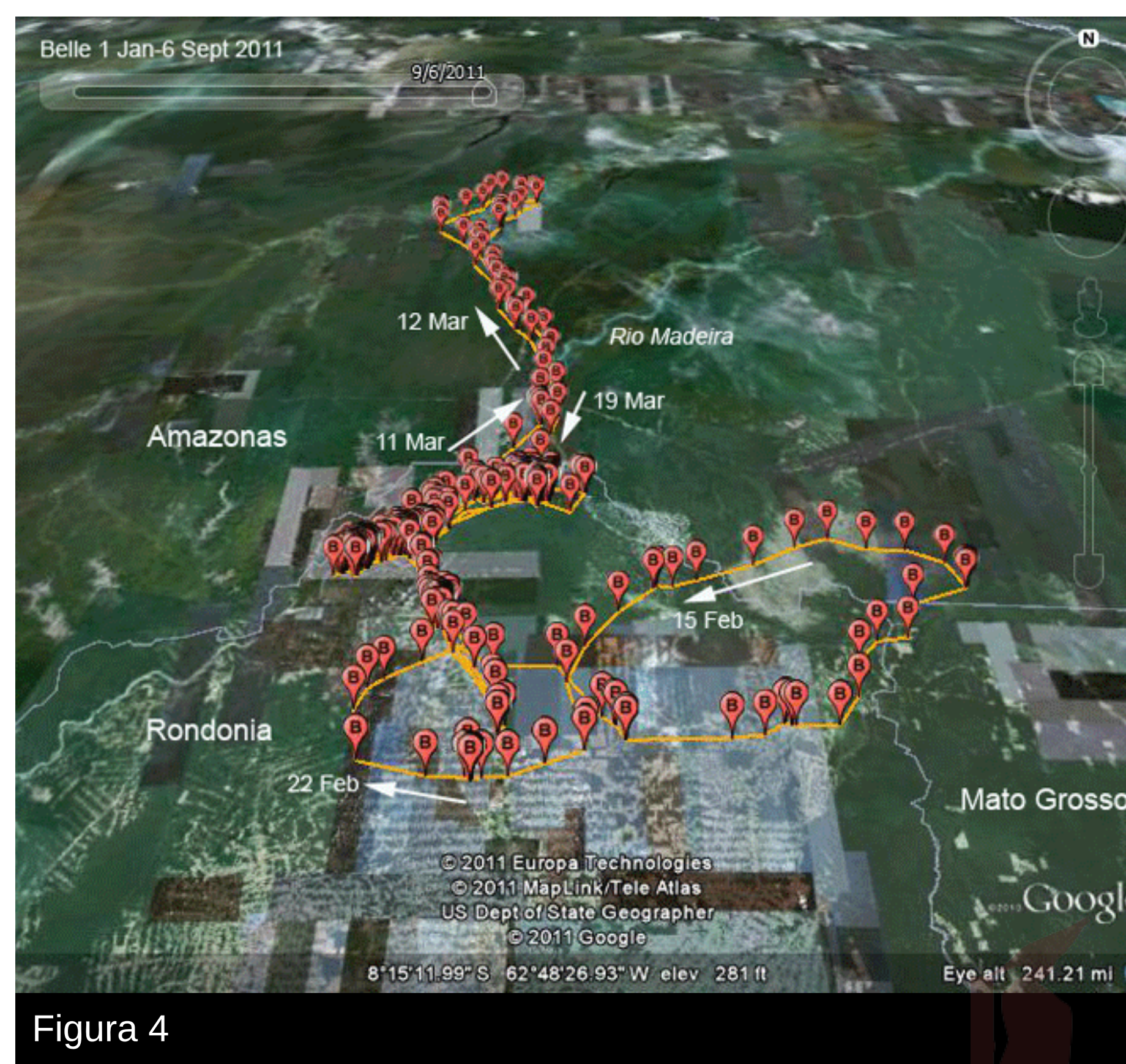


Figura 4

Grammostola spp.

Jefferson Silva, editor desta revista, em uma passarinhada com amigos do COA POA, fotografou um grupo enorme de *Grammostola spp.* atravessando uma estrada na área rural de Morro Reuter/RS. Pelo menos 300 aranhas filhotes cruzaram a estrada.

"Um dos momentos mais legais que já vi nas passarinhadas", conta Jefferson.

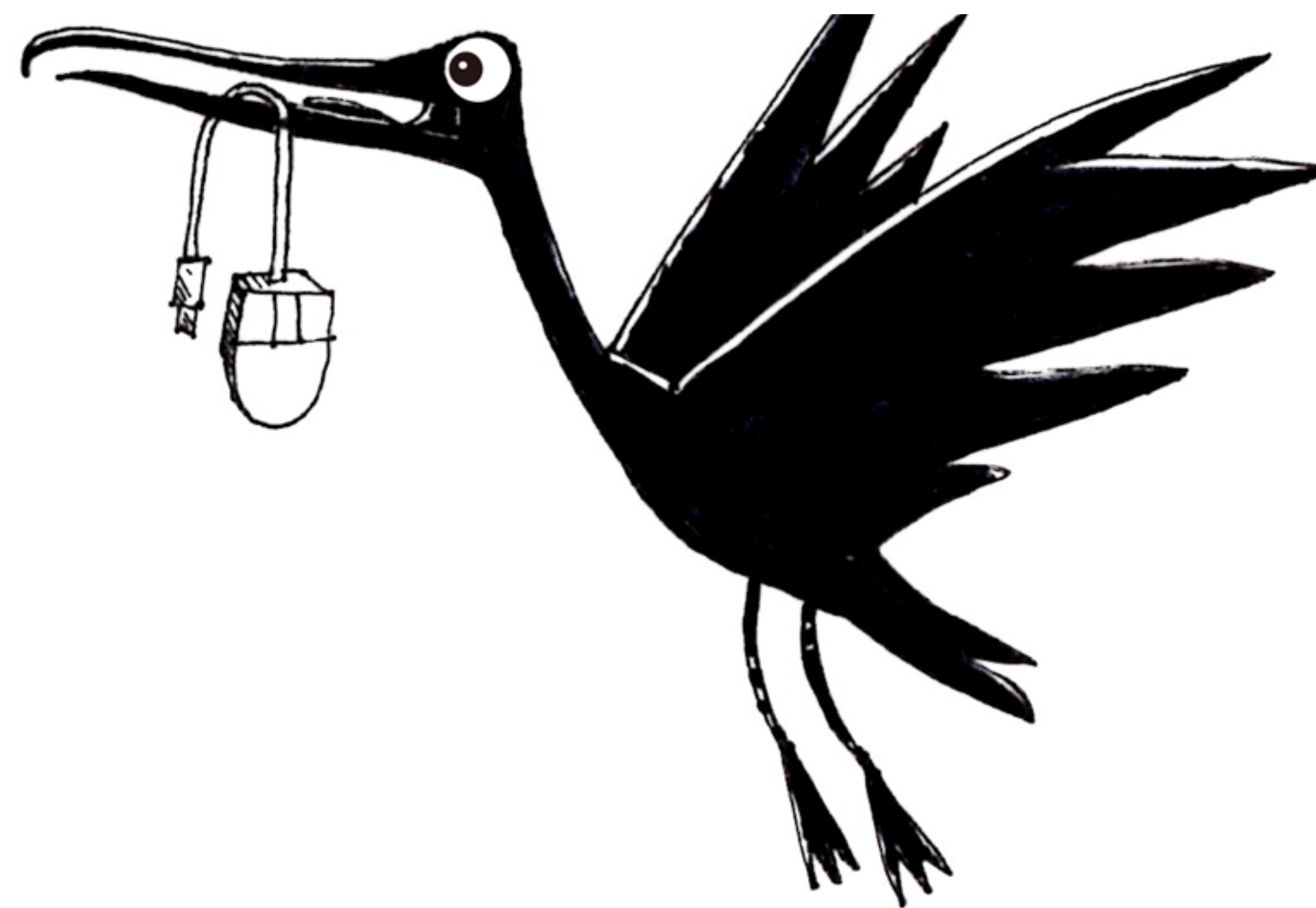


Em conversa com o especialista Stuart Longhorn, pesquisador da universidade americana de Portland, EUA, Jefferson levantou a informação que esse comportamento, embora conhecido, é raramente documentado.

As aranhas atravessaram a estrada, e na fila indiana que fizeram, havia um caminho de teia traçado, o que parece indicar que as primeiras deixaram sinais para que as demais pudessem seguir.

Foi publicada no site da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul uma nota sobre o registro feito por Jefferson e Glayson, outro membro do COA POA. A nota pode ser encontrada nesse link.





REVISTA DIGITAL

PASSARINHANDO



dicas • natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
entrevistas • natureza • aves • fotografia • destinos
técnicas • aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
• aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
• aventura • parceiros • novidades • equipamentos
• natureza • aves • fotografia • destinos

A revista brasileira sobre observação de aves e fotografia da natureza

Você gostaria de ver uma foto sua publicada nas páginas da Revista Passarinhando?

Há duas seções que publicamos as fotos dos nossos leitores: **Galeria do Leitor** e **Outros bichos**.

Escreva pra revista no email fotodomes@revistapassarinhando.com.br, mande sua foto em formato JPG, 1850 x 1233 pixels, e todos os dados sobre onde ela foi feita, quando foi feita e os dados do EXIF.

Ela pode ser selecionada para publicação nas edições futuras da revista.

Abraço,
Equipe Revista Passarinhando





CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE **CURSOS, WORKSHOPS, TREINAMENTOS**

- ✦ Soluções e novas alternativas para melhorar o desempenho de seu negócio
- ✦ Observação de vida selvagem
- ✦ Infraestrutura para turismo de observação de aves
- ✦ Sistemas de Gestão de Segurança

ASSOCIADO



MARITACA
EXPEDITIONS

OBSERVAÇÃO DE VIDA SELVAGEM, CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE

info@maritacaturismo.com.br
www.maritacaexpeditions.com

55 11 9.9999.0331
55 34 9148.6882

